

**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação**

**UM OLHAR POÉTICO PARA BRASÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE CULTURAL DE CRIANÇAS BRASILIENSES**

**Autora: Marianna Yoshie dos Santos Arake
Orientadora: Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues**

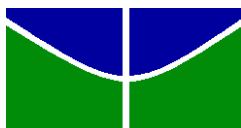
**BRASÍLIA
2011**

MARIANNA YOSHIE DOS SANTOS ARAKE

**UM OLHAR POÉTICO PARA BRASÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
CULTURAL DE CRIANÇAS BRASILIENSES**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

**Brasília
2011**



Monografia de autoria de Marianna Yoshie dos Santos Arake, intitulada “Um olhar poético para Brasília na construção da identidade cultural de crianças brasilienses”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 14/07/2011, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Orientadora: Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade Brasília

Professora Ms. Maria Paula de Almeida Vasconcelos
Faculdade de Educação da Universidade Brasília

Professora Dra. Simone Amaral
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília
2011

Dedico este trabalho a Brasília, por cada ipê amarelo florido. E a todos os seus filhos, que compartilham comigo a beleza do viver nesta maravilhosa cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela calma concedida após a oração noturna e por cada amanhã esperançoso.

Agradeço ainda à minha família, de onde vim e para onde vou, pela eternidade dos sentimentos e pela beleza do incondicional; aos pais pela existência, incentivo e por terem proporcionado isso tudo, aos irmãos pelo cotidiano nem sempre fácil, e aos tios, primos e avós por cada final de semana em que me permiti descansar. Agradeço especialmente ao meu avô e minha Tia Chica, pelos momentos vividos, pela saudade infinita e por ter certeza do orgulho que estão sentindo de mim agora. À Carolina, afilhada e sobrinha, que desde a barriga da mãe me ensinou que a vida é feita de um bonito ir e vir e pela alegria do descobrir o mundo.

Agradeço à querida Alexandra por não ter palavras para agradecer agora, pelo carinho, cuidado das palavras doces, cada elogio e incentivo, por ser mais do que eu pensava. Agradeço pelo olhar sensível e poético que hoje dedico à minha cidade. Agradeço ainda pela orientação acadêmica. Te levarei para sempre.

Aos amigos da Faculdade de Educação, Ciro e Ana Carolina (Fófis) por cada momento, desde 2007, e pela saudade que eu sei que vou sentir do que vivemos; aos amigos do grupo de e-mails “Lixão” que une tantas gerações em torno de uma bonita amizade que ultrapassa a Universidade; às lindas meninas (em especial Camila e Marina) que nessa reta final fizeram do que poderia ser angústia, momentos de tanta alegria. Aos calouros amados Dani, Jéssica e Tio Karlota por tantas risadas e pelo carinho. Agradeço aos amigos da faculdade que não citei aqui, me desculpando pela injustiça do pouco espaço.

Agradeço aos amigos que, estando fora da faculdade, entenderam a distância que a vida impõe, especialmente à Pricila, Ana Carolina Vieira (Cumadi), Juliana (Juzão) e Diego (Kk) que estiveram presentes em tantos momentos de alegria durante o período da minha graduação, tornando-se amigas dos amigos da faculdade e proporcionando um único e grande círculo de amizades.

Agradeço a todos que compartilharam de tantos momentos importantes ao longo desses anos na Universidade, na certeza de que tudo o que sou hoje, e inclusive essa construção, foram influenciados por seu amor e carinho.

Muito Obrigada.

RESUMO

Referência: ARAKE, Marianna Yoshie dos Santos. Um olhar poético para Brasília na construção da identidade cultural de crianças brasilienses. Defesa em 2011. 115 páginas. Monografia do curso de licenciatura em Pedagogia - Universidade de Brasília / Faculdade de Educação, Brasília, 2011.

A falta de ruas e esquinas, a presença de tantos números organizados e a diversidade de culturas trazem experiências completamente diferentes para o habitante de Brasília. A capital é conhecida nacionalmente pela política e por sua *falta de identidade*. Entender Brasília por meio da razão é uma tarefa complicada, visto que a cidade foi concebida através de um sonho e sua existência é a concretização do desejo de muitas pessoas. Assim, a arte, capaz de tocar o íntimo das pessoas e mergulhar profundamente em subjetividades, tem papel fundamental neste processo de compreensão de Brasília. Por esse motivo, este trabalho tem a intenção de promover a construção um olhar poético e sensível para a cidade por meio das mais diversas expressões artísticas, auxiliando um grupo de crianças brasilienses a reler a cidade e suas memórias. Dessa forma, o trabalho traz reflexões teóricas a respeito da identidade cultural, bem como acerca do papel da arte no processo de construção da mesma no contexto de Brasília. A metodologia envolve a realização de oficinas em locais de memória da cidade, onde um grupo de crianças se aproximou da cidade utilizando a expressão artístico-literária. A análise deste processo revela como foram favorecidas a (re)construção de suas relações afetivas e de suas identidades culturais como brasilienses.

Palavras-Chave: Brasília, identidade cultural, lugares de memória, expressões artísticas, olhar poético.

ABSTRACT

Reference: ARAKE, Marianna Yoshie dos Santos. Presentation in 2011. A Poetic Look to Brasilia in the construction of Cultural Identity of Children from Brasilia. 115 pages. Monography of graduation in course of Pedagogy. Universidade de Brasília. Education College. Brasília, 2011.

The lack of streets and corners, the presence of so many organized numbers and the cultural diversity bring different experiences for the citizen of Brasilia. The capital is nationally known for its policy and “lack of identity”. In this context the citizens of Brasilia, born or not in the city make questioning about the relations and feelings with the space they live in. However, understand Brasilia by reason is a complicated task, since the city was conceived through a dream and its existence is the realization of the desire of many people. Therefore, the art, able to touch the depths of people and delve deep into subjectivities plays a fundamental role in this process of understanding of Brasilia. By that meaning, this work aims to promote the construction of a poetic and sensitive look to the city through a variety of artistic expressions, helping a group of children from Brasilia to reread the city and its memories. Thus, the work brings theoretical reflections about cultural identity, as well as the role of art in the construction process of itself in the special context of Brasilia. The methodology involves conducting workshops in memory locals of the city, where a group of children became close to the city using the artistic and literary expression. The analysis of this process reveals how the (re)construction of their affective relationships and cultural identities were favored as citizens from Brasilia.

Key words: Brasilia, cultural identity, memory locals, artistic expressions, poetic look.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - OPERÁRIOS NA CONSTRUÇÃO, 1959	30
FIGURA 2 – PORTA DA GALERIA CABEÇAS.....	37
FIGURA 3 – NICOLAS COM UM ESCRITO EM TELHA.....	44
FIGURA 4 - BANHEIRO DO CATETINHO	57
FIGURA 5 - FIGURA QUARTO NO CATETINHO	58
FIGURA 6 - BAR DO CATETINHO	58
FIGURA 7 - COZINHA DO CATETINHO	60
FIGURA 8 - "A BRASÍLIA QUE EU FARIA" (DESENHO 1)	65
FIGURA 9 - "A BRASÍLIA QUE EU FARIA" (DESENHO 2)	65
FIGURA 10 - "A BRASÍLIA QUE EU FARIA" (DESENHO 3).....	66
FIGURA 11 - FOTO DE UMA FOTO DA W3 EM 1959	69
FIGURA 12: FOTO DE UMA FOTO DA DIA DA INAUGURAÇÃO DA CIDADE.....	70
FIGURA 13: FOTO RETIRADA DE UMA IMAGEM DO DIA DA INAUGURAÇÃO.....	71
FIGURA 14: FOTO DE UMA IMAGEM DE AULA EM BRASÍLIA	73
FIGURA 15 - CARTA AO PASSADO DE BRASÍLIA (CARTA 1)	78
FIGURA 16 - CARTA AO PASSADO DE BRASÍLIA (CARTA 2)	79
FIGURA 17 - CARTA AO PASSADO DE BRASÍLIA (CARTA 3)	80
FIGURA 18 - FOTO DA CATEDRAL	83
FIGURA 19 - FOTO DA ENTRADA DO MUSEU PARA O ESPELHO D'ÁGUA	85
FIGURA 20 - FOTO PANORÂMICA - ORDEM E PROGRESSO POR LATAS	86
FIGURA 21 - FOTO DO CONGRESSO NACIONAL.....	87
FIGURA 22 - POESIA EM FORMA DE MONUMENTOS (POESIA 1).....	91
FIGURA 23 - POESIA EM FORMA DE MONUMENTO (POESIA 2)	91
FIGURA 24 - POESIA EM FORMA DE MONUMENTO (POESIA 3)	92
FIGURA 25 – “CONSTRUÇÃO DO MEU MONUMENTO” (MONUMENTO 1)	93
FIGURA 26 - "CONSTRUÇÃO DO MEU MONUMENTO" (MONUMENTO 2)	93
FIGURA 27 - "CONSTRUÇÃO DO MEU MONUMENTO" (MONUMENTO 3)	94

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
<u>PARTE I - MEMORIAL</u>	
SOBRE O VIVIDO NA BELEZA DO PLANALTO CENTRAL	13
<u>PARTE II - MONOGRAFIA</u>	
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – IDENTIDADES E BRASÍLIA: A COMPLEXIDADE DA CONSTRUÇÃO	21
1.1 O HOMEM E A CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE	21
1.2 A IDENTIDADE CULTURAL, OS SUJEITOS E A MEMÓRIA DOS ESPAÇOS OCUPADOS.....	24
1.3 BRASÍLIA: MUITAS OU NENHUMA IDENTIDADE?	27
CAPÍTULO 2 – A ARTE EM BRASÍLIA: DIVERSAS LEITURAS DA CIDADE UTOPIA	33
2.1 VAZIO QUE AGLOMERA: O MOVIMENTO ARTÍSTICO EM UMA CIDADE FEITA DE SONHOS	33
2.2 QUEM LÊ A CIDADE: ESCRITORES E ESCRITOS DE BRASÍLIA	40
2.3 AS LEITURAS DA CIDADE NA ESCOLA.....	46
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	52
CAPÍTULO 4 – AS OFICINAS: CAMINHANDO PELA POESIA DE BRASÍLIA ..	55
4.1 OFICINA: O PLANO – UMA CIDADE NASCIDA DO PAPEL	55
4.2 OFICINA: O VAZIO E OS CANDANGOS – UM CIDADE NO DESERTO.....	68
4.3 OFICINA: MINHA BRASÍLIA, MEUS MONUMENTOS	81
4.4 DIALOGANDO COM A <i>PRAXIS</i> DAS OFICINAS	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
<u>PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</u>	
SOBRE OS CAMINHOS A SEGUIR	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

ANEXOS	109
ANEXO 1- Grupo OIPoema na escola	109
ANEXO 2 - Outros projetos para Brasília.....	111
ANEXO 3 – Textos utilizados na oficina 2.....	113

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é composto de três partes Memorial, Monografia e Perspectivas Profissionais.

O Memorial, intitulado “Sobre o vivido na beleza do Planalto Central”, traz os caminhos percorridos pela autora, as memórias de uma vida em Brasília, e confirma que este trabalho não é fruto apenas da graduação.

A segunda parte é a Monografia, iniciada com a Introdução, que traz os elementos que justificam, inspiram e explicam esta construção.

O capítulo 1 “Identidades e Brasília: A complexidade das construções” traz elementos teóricos acerca da construção da identidade dos sujeitos, com uma atenção especial para Brasília, um espaço tão peculiar. No capítulo 2, intitulado “A arte em Brasília: diversas leituras da cidade utopia”, são discutidos os traços da cidade que influenciam seu movimento artístico e ainda, as diversas leituras deste espaço possibilitadas pelo olhar sensível da arte.

O terceiro capítulo traz a metodologia adotada para a construção do trabalho, no intuito de explicar ao leitor os nortes que traçaram os rumos deste trabalho. A seguir, no capítulo 4, procede-se a uma narrativa das oficinas realizadas com as crianças, para que os locais de memória da cidade pudessem ser apropriados poeticamente pelas crianças na construção da sua identidade cultural. Ao longo das narrativas são destacados, a partir de um olhar sensível, elementos para reflexão e em seguida acontece o diálogo entre as construções teóricas e a prática vivenciada. Para finalizar, são elaboradas as considerações finais, onde a autora coloca todas descobertas realizadas e as sensações vividas ao longo deste processo de construção

Na terceira parte apresenta-se as perspectivas profissionais da autora, com título “Sobre os caminhos a seguir”, onde são traçados caminhos para a realização de seus sonhos e aspirações enquanto pedagoga.

PARTE I – MEMORIAL

Sobre o vivido na beleza do Planalto Central

Aqui passeio por lugares de minha memória, revisitando a mim mesma, pouco a pouco. Passo por lugares inóspitos, inabitados e abandonados, alguns por onde passei uma única vez, quando vivi. Neste trajeto, passo ainda por lugares cuidadosamente preservados, onde vozes, cheiros e toques parecem estar acontecendo agora, neste minuto. Me permito fazer mudanças, destruo o que acho desnecessário e por vezes construo, enfeito. Eu re-formo minhas memórias a cada passeio, a partir da arquitetura e engenharia que aprecio naquele momento. Desta forma, não pretendo que os acontecimentos aqui narrados sejam algum tipo de retrato fiel da minha vida, mas sim um desenho de cada momento, cujos traços são como são justamente pelos caminhos que percorri.

Sou filha de Brasília, filha legítima. Mas tenho pais adotados pela cidade e os tratamentos dados aos filhos é bem diferente. Meu pai é o filho adotivo que veio na caçamba do caminhão, dividindo espaço com a família e com os móveis, utilizando armários como proteção do sol. O melhor lugar era do irmão mais novo, ainda bebê. Quando chegou à cidade, a família se instalou em barracos de lona, sem luz ou água, dividindo dificuldades com tantas outras que acabavam de chegar. Mudou-se da Cidade Livre para o outro lado da pista, do outro lado da pista para a Ceilândia, por fim chegaram ao Guará. Minha mãe é filha adotiva que veio de avião da aeronáutica. Filha de pai militar, tinha um apartamento mobiliado à sua espera, mudou-se uma única vez durante a vida com pais, da 414 sul para a 214 sul. O apartamento ainda está lá e pertence à família. Sou filha da Brasília, neta de suas duas facetas, ambas com suas dores e alegrias.

De tudo isso, numa mistura entre duas realidades que geraram uma terceira completamente diferente, herdei tudo o que tenho hoje, inclusive a mim mesma. A cidade teve certos cuidados comigo, que não teve com meus pais e avós. De Brasília, só conheci o bom. O ruim eu só escutei, não vivi. Não sou filha de deputados e nunca vi o presidente na rua, não sou rica e acho sim que minha cidade tem esquinas e ruas. Não tive a sorte de estar nas primeiras escolas-parque. Sou sonho concretizado de JK, Lúcio,

Niemeyer e um sem-número de brasileiros, mas não fui sonho concretizado de Anísio Teixeira e é assim começa a minha história com a educação.

Meu primeiro contato com práticas pedagógicas aconteceu logo cedo, aos 3 anos, quando fui matriculada em uma pequena escola de Educação Infantil, dessas com instalação em uma casa. Lembro de pequenos importantes episódios apenas. Em minha mente tenho concreta a lembrança do monte de barro em que me joguei para fugir da apresentação de balé e do rosa da minha roupa que se tornou vermelho-barro, lembro também do gancho com o meu nome em que pendurava minha mochila, como quem guarda cuidadosamente suas bagagens e também do banquinho amarelo em que eu me sentava no refeitório da escola. Esta etapa da educação não foi muito valorizada por minha família, assim, passei longos períodos sem ir à escola, seja por falta de vontade minha ou comodismo dos pais. Mais velha, com o retorno à educação infantil no papel de educadora, percebi que o mais me marcou nesse início da jornada escolar foi o cheiro. Educação Infantil tem cheiro de giz de cera e lápis de cor. É um maravilhoso cheiro de cores só aproveitado por quem frequenta aquele espaço disposto colorir espaços vazios dentro de si.

Durante os caminhos percorridos entre minha escola e minha casa, muitos foram os aprendizados, e os desvios também trouxeram muito ensinamento. Assim, em minhas lembranças, o primeiro contato com a leitura e a escrita aconteceu em visitas rotineiras à casa dos meus avós maternos. Naquela casa, as coisas pareciam transcender o tempo. A estante da sala foi comprada na infância da minha mãe, assim como o tapete e o sofá. Os defeitos de cada móvel foram fabricados pelas mãos e pés sujos de criança de minha mãe e seus irmãos, que agora eram todos adultos. Ali, as histórias eram mais fantásticas por serem mais antigas. Na mesma estante, da mesma sala, estavam os mesmos livros, inclusive os que mais me interessavam: uma linda coleção de clássicos infantis contendo alguns rabiscos, mas na grande maioria bem cuidada. Os desenhos eram antigos e as folhas de um material grosso e envelhecido nas pontas, mas ouvir meu avô contando para mim a história preferida de cada um de seus filhos me fazia achar aquele um brinquedo de última geração. Semana a semana eu passeava por mais livros, até conhecer todos e repetir os preferidos inúmeras vezes. Assim, os contadores da casa iam se revezando, até que todos se cansaram de interromper afazeres, para repetir mais uma vez a história da Chapeuzinho Vermelho.

Foi assim que minha avó resolveu me ensinar a ler. Entre gibis, revistas de passatempo, lições da minha avó e o que eu já havia aprendido na escola, as primeiras palavras foram se formando de maneira mágica. Hoje, só lembro de quando eu não sabia ler e em seguida dos momentos em que já ensaiava leituras sozinha. Não sei também quanto tempo isso demorou, ou se foi prazeroso, lembro que apenas aconteceu.

Só adulta pude perceber a bonita estranheza que está na eternidade dos livros. Meus tios e minha mãe cresceram, eu cresci, meus avós já se foram, entretanto a coleção de livros continua na estante, com as mesmas páginas amareladas, que hoje contam com a minha colaboração para novos pequenos amassados ou rasgos, esperando novas mãos para então serem docemente desgastados por mais uma geração.

Passei a infância aproveitando o frescor que há embaixo dos blocos da asa sul. O chão era o descanso do calor, as pilastras eram o “pique” e reuniam em volta de si muitos chinelos infantis. Foram muitos os momentos em que eu gritei para que um amigo descesse e muitas as vozes que eu ouvi pedindo que as crianças subissem. A extensão da brincadeira era o tamanho do bloco, no máximo abrangia o estacionamento. A voz do nosso brincar ecoava por todo aquele espaço até chegar hoje à minha memória: “1, 2, 3 Salve eu! 1, 2, 3 Fulano! Pode sair, te vi atrás da guarita!”. De brincadeira em brincadeira, cresci junto com a minha cidade e por vezes me espalhei por algumas cidades satélites.

Durante a minha brincadeira de ser criança, diversos fatos foram acontecendo e me construindo pouco a pouco, até que eu pudesse ser o que sou hoje. Nas últimas séries da primeira do Ensino Fundamental, minha família passou por uma séria crise financeira, o que fez a nossa condição de vida mudar repentinamente. Nesse período, meus pais precisaram me tirar da escola particular em que estudava. Lembro perfeitamente do sabor amargo de despedida quando fomos buscar a documentação necessária para transferência, mas lembro com mais força do doce sabor de conquista quando eu e minha mãe fomos interrompidas pelo diretor da escola, um senhor de bastante idade, me disse que a escola não podia me perder e por isso eu ganharia bolsa de estudos integral por dois anos. Naquele momento criei laços muito fortes com a instituição e por isso estudei lá até o último ano do Ensino Médio.

Durante um bom período do tempo em que eu estudei com as bolsas que havia recebido, morei de favor na casa da uma amiga da escola, e pela conseqüente ausência dos meus pais, fui obrigada a aprender a cuidar de mim e também do meu aprendizado. Foi assim que o meu boletim escolar se tornou realmente meu e a responsabilidade por meu desempenho também. A situação melhorou e as ausências de tornaram presença novamente, ainda assim nunca mais precisei me preocupar em mostrar um boletim para os dois, sendo só minha a decisão de me dedicar mais ou menos quando eu achasse mais ou menos necessário. Aquele foi um tempo dolorido e, sem dúvida, construtivo. Fortaleci o amor que tinha pelos meus e entendi que toda riqueza é relativa, agradeço por isso.

Foi só adolescente, já no Ensino Médio que me reaproximei da leitura, de uma leitura que fosse realmente minha. Ainda no Ensino Fundamental fiz alguns passeios pela biblioteca, escolhi alguns livros e os li por vontade própria, mas foram eventos isolados. Mais velha a minha relação com os livros se estreitou e eu percebi que eu não era obrigada a gostar do que o professor de literatura nos mandava ler, inclusive por achar que nem ele gostava daquilo, só quem gostava era o CESPE. Passei a pedir livros de presente, ganhar tantos que não pedi, e descobri que nem só os livros que me obrigavam a ler eram ruins e que alguns dos obrigatórios eram bons. E um dia percebi que o livro *une*, permite trocas e conversas, aproxima diferentes pessoas e idades. Ganhei muitos livros de uma tia muito querida, peguei tantos outros emprestados, conversamos sobre o que lemos, concordamos e discordamos, até o dia em que eu tive a oportunidade de presenteá-la. Foi maravilhoso e desafiador, escolher o melhor de todos, o que mais me tocava, para que ela conhecesse o meu gosto e apreciasse. Queria ser orgulho! Não sei se ela teve tempo de ler os livros que emprestei ou dei, mas achei muito bonita a relação de igualdade que a leitura pode trazer.

Ainda nesse período tive a importante incumbência de escolher um rumo para o meu futuro. Durante a infância nossos sonhos parecem ser facilmente alcançados e por esse motivo mudam rapidamente, um dia queremos ser astronautas, no outro veterinária ou dentista, ou bancária... Fui crescendo e percebendo que o meu sonho não era feito só por mim, mas pelo que sonharam por mim, pelas circunstâncias, possibilidades, entre muitos outros fatores. Nesse turbilhão de informações, me lembro de olhar uma infinita lista de cursos em uma página da internet e ter que escolher um daqueles. Uma estranha

sensação para uma menina de 16 anos. Meu coração batia forte e entre as opções que me pareciam melhores, escolhi Pedagogia. Eu não sabia muito bem explicar o motivo, ou o que eu faria profissionalmente. Eu simplesmente escolhi e decidi definitivamente por aquilo, como um instinto quase. Difícil é explicar isso aos pais que te queriam advogada, ao avô que te queria jornalista e a outros que não te queriam nada, mas também não queriam que fosse pedagoga. Com o tempo, a loucura da escolha foi esquecida em meio a felicidade de ter uma filha na Universidade de Brasília. E eu mesma, nem sabia quantos desdobramentos isso teria.

A UnB me permitiu ser sensível como nunca havia experimentado e de todos os aprendizados acredito que seja esse o maior e mais importante: a sensibilidade. Se em muitos momentos da vida, somos privados de sentir, foi na academia que aprendi que o aprendizado sem sentimento não faz nenhum sentido. Agora tenho um olhar diferente para o que me cerca, entendi que as pessoas, os mundos, as escolhas e não escolhas são elementos muito íntimos, e que o meu papel como educadora não é o de julgar e invadir privacidades, mas aceitar o diferente (o que não sou eu) da melhor maneira que puder. Foi dessa forma que em um lugar tão grande, com tantas pessoas e ideias, cursos, idas e vindas, vestibulares e formaturas, calouros, veteranos e pedagogos, eu fiz lindos laços afetivos, que embelezam não só a minha vida, mas a minha formação acadêmica. A Universidade me deu também a possibilidade do pensar. A reflexão sobre o que vivi, inclusive aulas, se fazem muito presentes e é dessa maneira que interpreto experiências e guardo para mim o que for bom.

Outro encontro importante na Universidade foi o movimento estudantil. Foi assim que aprendi a me movimentar, percebi que apesar de muito parecer, não estamos presos e se mexer faz muito bem, para mim e para o outro. Assim, entre o Centro Acadêmico, Reuniões de Entidades de Base, Ocupação da Reitoria, participações e organizações de Encontros Nacionais de estudantes, ou mesmo em festas, eu me movimenteí, me percebi política e me encontrei no outro, nas construções coletivas que acontecem no movimento.

Aprendi muito em sala de aula também. Tive professores e colegas maravilhosos. Pessoas tão apaixonadas, que dividem o objeto de seu amor com tantas pessoas, nessa confusão amorosa a educação vai ganhando muitos admiradores

apaixonados, que como em qualquer outro amor, precisam cuidar com muita atenção da relação que têm com ela. Aprendi até com professores que não ensinam, esses me ensinaram o que eu não quero ser e eu sou grata a eles também. Percorri um bonito caminho entre projetos e aulas, todas em uma direção que me parecia bonita e clara, até que no final da corrida, fui fazendo desvios que deixaram a passagem mais interessante para mim. Aprendi com o esperado e com o inesperado e descobri o que eu não sabia sobre a educação e sobre mim. Pelo pouco tempo que restava eu corri muito, corri até chegar a mim e viver um delicioso encontro.

Fazer desvios em um caminho que parece tão seguro não é uma coisa simples a se fazer, surgem dúvidas e por vezes, tudo o que foi percorrido parece ter sido uma perda de tempo. Fui invadida pela minha própria cidade, eu que pensava morar em Brasília percebi que de forma suave e profunda foi ela que começou a morar em mim. Apesar de ter vivido meus 21 anos neste espaço, fui encontrando Brasília por todos os lugares onde passava. Assim, encontrei Brasília na poesia das Oficinas de Formação do Professor Leitor/Escritor, encontrei Brasília e sentido em seus bonitos e estranhos traços do arquiteto nas aulas de Educação em Geografia, encontrei Brasília viva em sua História, Identidade e Cidadania, encontrei Brasília em tantas comemorações de seu cinquentenário e na tristeza de tantos escândalos. Eu finalmente encontrei Brasília e me percebi como parte de sua história ainda tão viva e próxima. Essa cidade tão exata me trouxe sentimentos tão inexatos que me obrigaram a falar pra entender e por isso a construção desse trabalho.

Hoje, ao final da caminhada, me encontro em um indizível estado de graça. Me sinto preparada e segura, ainda que os próximos passos pareçam tão indefinidos por serem tantos os trajetos. Tenho a certeza de que nada do que eu pudesse ter vivido de diferente me faria melhor, e assim me sinto completa com tantas incompletudes e inquietações e sei que até os espaços vazios foram cuidadosamente construídos por mim e pelo que vivi.

PARTE II - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Brasília é uma cidade planejada e jovem, foi fruto do sonho de um grupo de pessoas, que dividiram com todos os brasileiros sua vontade de ver um país desenvolvido por completo, em todas as suas regiões. Assim, a gênese de Brasília se deu ao contrário: se outras cidades do mundo foram construídas em função dos sujeitos que a habitam, aqui os sujeitos é que se adaptaram ao que estava construído.

Para a construção da cidade utopia vieram pessoas de todo o Brasil. Todos os que colaboraram com este sonho, emprestando sua mão de obra, trouxeram também, de suas origens, a sua cultura originária, formando na cidade uma bonita mistura de saberes, músicas, danças, comidas, entre tantos outros elementos. Os candangos construíram, além de monumentos e blocos, a cultura de Brasília, com toda a sua peculiaridade. Dessa forma, além de ser diferente por ser planejada, a cidade é diferente culturalmente de todas as outras do país.

Brasília é conhecida no resto do Brasil por sua *falta* de identidade e cultura e ainda pelos tantos escândalos relacionados à política brasileira. Sendo um centro de poder, a capital recebe todos os adjetivos direcionados à política nacional. Dessa forma, a vida em Brasília, apesar do costume trazido pelo cotidiano, coloca seu habitante diante de várias perplexidades e questionamentos. Os brasilienses são tomados por um sentimento de amor e ódio por sua própria cidade. Quem sou eu? Eu gosto da minha cidade? Qual é a minha cultura? Entender Brasília, por meio da razão, é uma tarefa complicada, visto que a cidade foi gerada a partir do irreal, do imaginário e do impossível. Assim, a Arte aparece como uma possibilidade para novas leituras sobre a cidade, além de compreensão e expressão dos sentimentos de sobre Brasília.

Neste contexto, surgem inúmeros questionamentos para o educador que vive nessa cidade e precisa considerá-la no processo de ensino-aprendizagem. Como se dá a formação da identidade cultural de um indivíduo? Como as crianças reagiriam ao entrar em contato com livros ou obras que falem de sua cidade, sua rua e experiências que elas também vivenciam? Existe uma identidade cultural brasiliense? Como é o cenário

artístico da cidade? Este cenário pode auxiliar a construção desta identidade? Diante de tantos questionamentos, da perplexidade da pesquisadora já adulta, como brasiliense, para com a cidade em que nasceu e viveu, e da percepção da complexidade das construções identitárias em Brasília, surgiu o tema deste trabalho.

O trabalho tem como objetivo geral reconhecer como o desenvolvimento de um olhar poético, no diálogo com outras manifestações artísticas de Brasília, pode contribuir para a formação de uma identidade cultural de crianças brasilienses.

Como objetivos específicos foram elencadas as seguintes questões:

- Refletir acerca da formação da identidade cultural da criança brasiliense.
- Identificar elementos da literatura e outras manifestações artísticas de Brasília que podem favorecer a aproximação e compreensão da criança sobre sua cidade e realidade.
- Estimular a aproximação da criança com a literatura a partir de textos referentes à história e ao cotidiano da cidade.
- Favorecer a aproximação dos sujeitos com sua cultura por meio de encontros com os locais de memória da cidade.
- Perceber como a interdisciplinaridade pode ser utilizada a favor dos processos de aproximação entre a criança e sua própria cidade.
- Desenvolver estratégias pedagógicas que oportunizem ao sujeito a expressão, ampliação e reelaboração da sua própria leitura de Brasília.

A partir dos objetivos acima citados, foi realizada uma construção teórica, na tentativa de abranger todos os questionamentos colocados, além de práticas pedagógicas que visam colaborar com a criança brasiliense nos processos de descoberta de si e de sua cidade, mergulhando nas memórias da cidade, além de perceber as relações que as mesmas já estabelecem com Brasília.

Capítulo 1 – Identidades e Brasília: A complexidade da construção

As identidades dos habitantes de Brasília carregam em si a complexidade e as peculiaridades da construção da própria cidade. Sendo a capital, uma cidade nascida do nada, construída em meio à mata virgem do cerrado de Goiás, por pessoas vindas de todas as regiões do Brasil, as construções subjetivas de todos os que aqui vivem não poderiam ser de simples compreensão.

Nesse sentido, este capítulo traz os caminhos percorridos pelo homem na busca de sua própria constituição, as relações entre estas descobertas e os espaços por ele ocupados e por último, como este processo acontece no contexto de Brasília.

1.1 O Homem e a Construção de sua Identidade

Antes de adentrar os muitos caminhos que constituem a identidade do ser humano, é preciso tentar conceituar identidade, para então compreender os elementos que a formam. Entretanto, encontrar uma definição para este conceito não é uma tarefa simples. Segundo Hall (2002), o conceito de identidade ainda é novo e, portanto, pouco desenvolvido e trabalhado pelas ciências sociais. Dessa forma, os elementos conceituais a respeito do tema ainda são provisórios e inconclusivos, assim como diversos outros relacionados a fenômenos sociais, por serem estes diretamente influenciados pela subjetividade inerente ao humano. Nesse sentido, Berger & Luckmann (2009) afirmam que

[...]A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e, tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais[...] (p.221).

A partir de tal afirmação já é possível perceber a complexidade da constituição identitária de cada sujeito, visto que cada um a constrói de acordo com suas particularidades e experiências, o que explica a dificuldade na adoção de conceitos gerais relativos ao estudo das identidades. A complexidade aqui entendida não como uma dificuldade, um conjunto de obstáculos, mas uma teia, onde há um entrelaçar de

conceitos, como colocado por Morin (1996, p.274) “Há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações”.

A palavra identidade deriva do latim *idem*, que quer dizer “o mesmo”. Portanto, em sua etimologia há indícios que podem auxiliar a tentativa de desvendar seu significado. Ora, para que um indivíduo possa enxergar-se como “o mesmo”, é necessário que haja o outro, o olhar sobre o outro e a comparação entre os dois. Assim sendo, a formação da identidade depende sempre da relação que se estabelece com os demais membros de uma sociedade.

A respeito desta comparação, Silva (2000) afirma que, além de ser constituída por elementos que colocam um sujeito como igual a outro, a construção da identidade se dá também por meio do reconhecimento da diferença. As identidades não são construídas ignorando a diferença, mas por meio dela. Assim, cada um é feito do que é e do que não é, e dessa forma, o sujeito cria instrumentos para encontrar-se a partir do encontro com grupos a que pertence e do desencontro com os que não tem afinidade. É a partir do sentimento e da emoção que o sujeito constrói sua identidade. Para Castells (1999)

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão diz respeito a como, a partir de quê e para quê isso acontece (p.23).

Apesar da complexidade e das inúmeras contradições a respeito da construção da identidade de cada sujeito, é possível encontrar, a partir de colocações de diversos autores, alguns elementos que podem responder aos questionamentos propostos por Castells e perceber, ainda, uma nova perspectiva para o olhar sobre o ser humano de maneira geral. Este novo ângulo possibilita a fuga da lente iluminista que enxergava os indivíduos com uma identidade estabelecida desde o nascimento e acreditava que eles apenas a desenvolviam ao longo da vida.

Hall (2005) coloca que essa mudança de paradigmas se deve, em parte, à crise de identidade que se instalou no final do século XX, com os fenômenos da globalização. Em um contexto onde as fronteiras e as distâncias estão cada vez menores, as construções identitárias, antes unificadas e estáveis, passam a receber influências globais e por isso se fragmentam, se deslocam e descentram. Os elementos culturais de

classe, sexualidade, nacionalidade, etnia que antes forneciam sólidas localizações como indivíduos em uma sociedade, hoje são fluidas. Assim, o sujeito não é mais composto de uma, mas de diversas identidades, que podem inclusive ser contraditórias. Ainda segundo Hall (*IBIDEM*), as contradições acontecem dentro e fora dos indivíduos: em suas cabeças, quando ao mesmo tempo é possível ser, por exemplo, mulher, mãe, negra, brasileira e assumir a essas posturas de diferentes formas a depender do momento; e na sociedade, atravessando os mais diversos grupos políticos.

Ainda no que diz respeito às relações entre o interno e o externo no processo da construção identitária, Berger & Luckmann (2009) consideram que as identidades são formadas em uma dialética entre sociedade e sujeito, e assim trazem a importância de elementos histórico-culturais para essa formação. A partir da cultura se estabelece uma relação onde a sociedade faz parte da construção do ser humano, proporcionando a ele se perceba no meio em que vive e o ser humano participa da construção da sociedade a partir de suas características próprias, respondendo ao oferecido de maneira subjetiva. Assim, por meio de uma contribuição recíproca, se constituem elementos identitários.

Cada indivíduo numa sociedade é uma parte de um todo, que é a sociedade, mas esta intervém, desde o nascimento do indivíduo, com sua linguagem, suas normas, suas proibições, sua cultura, seu saber; outra vez, o todo está na parte (MORIN, 1996, p. 275).

A identidade não é um elemento externo ao ser humano, nem somente um elemento interno, mas o resultado da interação entre um e outro. Essa relação, entretanto, não acontece de forma linear e harmônica, o que torna este processo conflituoso e permeado por contradições.

No mesmo sentido, Castells (1999) afirma que a identidade é um processo de construção de significados com base em atributos culturais que se inter-relacionam. Assim, a partir das colocações dos autores, a cultura se caracteriza como um importante fator de construção da identidade. A identificação cultural acontece então, a partir do encontro entre o indivíduo e os elementos culturais que o circundam. É nesse encontro que o conhecimento já estabelecido pela comunidade entra em confronto com toda a bagagem construída por cada sujeito em suas experiências pessoais. Estas situações

acontecem inúmeras vezes ao longo da vida de cada um, incluindo pequenas vivências e também, o conhecimento organizado de forma sistemática.

Paralelamente à ideia de Castells (*IBIDEM*), Hall (2000) afirma que é possível estabelecer muitas relações entre os conceitos de identidade e cultura, visto que estes são intimamente ligados, pois é ao identificar-se com grupos que o sujeito constrói o sentimento de pertencimento a uma cultura. Segundo o autor, assim como o conceito de identidade, a cultura não é estática, pronta para os indivíduos que nela nascem, mas são fruto da mesma complexa dialética subjacente ao o conceito de identidade. Para Hall (2005)

[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma arqueologia. A cultura é uma produção [...]. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem por nós, mas daquilo que nós fazemos pelas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (p.44).

Se a cultura consiste em um registro da história de um determinado povo, então assim, como a própria história, a cultura encontra-se em um processo contínuo e ininterrupto de transformação. Dessa forma, a construção da identidade cultural acontece durante o crescimento e amadurecimento dos sujeitos, ou seja, em toda a sua vida, por meio de uma troca cotidiana com as diversas dimensões constituintes da respectiva cultura.

1.2 A Identidade Cultural, os sujeitos e a memória dos espaços ocupados

São muitos os elementos que fazem parte de uma cultura, entre eles é possível citar a música, a dança, os costumes, hábitos e valores de um grupo ou povo. Como dito, tais elementos não estão postos, prontos para serem adquiridos por todas as pessoas que nascem em um determinado local, seja considerando um país, uma cidade ou um bairro.

A cultura é constituída pelos sujeitos e os constitui. Entretanto, é importante assumir a influência dos espaços em que se vive para a constituição das pessoas, suas

identidades e culturas. Ao ser questionado acerca de sua identidade, o ser humano tende a responder fazendo uso de algumas características próprias como o nome, a idade, o emprego e o lugar com o qual se identifica, logo informando ser brasileiro, ou nascido em uma região ou cidade. Esta atitude é justificada pelo fato de naquele lugar estar impressa uma cultura e os diversos elementos nela embutidos. Para conhecer um lugar, é necessário buscar a cultura que ali se coloca, assim como o conhecimento de uma cultura passa pelo entendimento do lugar em que está inserida. Nesse sentido, Callai (2000) afirma que

A cultura é um dado fundamental na compreensão dos lugares. [...] As maneiras como os grupos exploram o espaço, como estabelecem as relações com o ambiente têm muito a ver com a sua cultura. Conhecê-la, portanto, pode ser significativo para compreender o lugar, e entender por que as coisas acontecem do modo como estão acontecendo (p. 125).

Faz-se necessário explicar que aqui o conceito de lugar se coloca como uma ampla discussão realizada pelas ciências humanas e pela geografia, de modo particular. Nesse enfoque, o lugar vai muito além de um espaço físico, apesar de estar contido nele. O lugar seria, dentro de um espaço físico, o conjunto dos locais onde o ser humano tem experiências particulares, carregadas de emoção e sentido, um recorte dentro de um todo, no qual ele trabalha, mora, passeia, estabelecendo uma relação de intimidade. Carlos (2007, p.19) afirma que “o lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato”. Assim, quando neste trabalho se fala em lugar, é esta a perspectiva adotada.

Os passos das pessoas pelos lugares por que passam delineiam então, não só os caminhos percorridos individualmente, mas uma trajetória comum e a partir da relação corporal entre sujeito e espaço, os lugares vão se tornando significativos. Dessa forma, para Callai (2000), cada lugar tem uma energia e uma força própria que decorrem do que acontece ali. Tal energia não vem de fora, não é fornecida pela natureza, mas resulta da vivência diária das pessoas que habitam aquele lugar, sendo portanto uma construção social. Cada lugar é a vida que o movimenta, as pessoas que por ali passam, e por ele têm um sentimento. O lugar é composto não só de suas construções físicas, mas por suas memórias, incluindo todos os sorrisos, palavras, gestos e emoções que nele aconteceram, tornando-o único e diferente de todos os outros no mundo.

A memória aproxima, faz mover/retroceder o tempo. É o campo do irredutível, é o que permite ao passado aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença. (CARLOS, 2007, p. 49)

O espaço é sempre marcado pelo hoje, pelo atual, entretanto, no passado ele foi marcado pela atualidade daquele momento histórico. Passado e presente relacionam-se pelo espaço, por traços e elementos do hoje deixados pelo ontem. Assim, segundo Carlos (*IDEM, IBIDEM*, p. 48) “A memória liga-se decididamente a um lugar”. Ainda para a autora, a memória, responsável por esta articulação entre espaço e tempo, está ligada às experiências vividas em determinados lugares, à identidade que se tem com um lugar, sendo assim, o lugar é também indissociável da identidade. É este complexo de relações entre memória, lugar e identidade que constrói as pessoas enquanto sujeitos que se relacionam como o espaço que ocupam de forma tão particular.

As identidades culturais, considerando tanto seu caráter individual como o coletivo, são construídas nestes lugares, carregados de sentido e vida. Assim, os espaços do vivido não servem apenas como um plano de fundo, um cenário de um acontecimento, mas são parte viva das relações que nele se estabelecem. A vida se dá no lugar e com o lugar. E a identidade cultural mantém ligados os indivíduos intimamente ao lugar. Sendo um elemento vivo, além das identidades das pessoas que ali convivem, o lugar também possui uma identidade própria, conforme afirma Callai (*IBIDEM*).

A nossa diferença como cidadãos de um determinado lugar é que nos leva à construção da identidade do lugar, embora esta identidade não seja do lugar em si, mas das pessoas que vivem ali e que produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenciações internas (p. 122).

Segundo Carlos (2007), o homem percebe o mundo através do seu corpo, incluindo todos os seus sentidos. Os lugares seriam formados então, por muito mais do que os olhos podem enxergar, por elementos invisíveis. Assim, ao sentir um cheiro, ao ouvir um som, é possível estar em profundo contato com um lugar, sem que se olhe para ele. Sentir um cheiro de comida, pode transportar uma pessoa à sua infância, a uma cozinha de avó, à uma fazenda, um interior. Dessa forma, viajando por histórias e vivências é possível estar em um lugar de memória, sem que se mova fisicamente. Por serem os lugares tão carregados de elementos abstratos, cada sujeito constrói acerca deles uma percepção diferente. Por esse motivo, apesar de serem uma construção

coletiva, os lugares são também vistos de forma única, a partir das experiências vividas naquele espaço por cada pessoa.

Os lugares são espaços marcados pela intimidade do uso, construídos por todos, entretanto, nem todos os espaços de um país, cidade ou bairro são compostos de histórias. Há também, em todo o mundo, espaços vazios. Callai (2000) diz que estes espaços podem ser vazios de forma concreta, ou seja, não ocupados ou vazios no sentido do interesse. Na falta de sentido atribuído, o não vivido faz com que um espaço seja um não-lugar. Ainda assim, há relação entre o homem e estes espaços, mas de formas diferentes da existente com os lugares. Dessa forma, apesar do prefixo negativo, o não-lugar não é um oposto de lugar.

Assim, o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição [...], pois também se produzem comportamentos e modos de apropriação desses lugares (CARLOS, 2007, p. 67).

As relações estabelecidas com estes espaços são temporárias, utilitárias, vazias de emoção ou sentido. Como exemplos de não-lugares é possível citar grandes vias de alta velocidade e outros espaços de transitoriedade, neutros, que servem apenas de ligação de um lugar a outro, geralmente não são convidativos ou interessantes. É necessário lembrar que, como em todos os espaços, o não-lugar também é social, construído a partir do humano, mas neste caso, com a ausência de referenciais afetivos o que se estabelece é uma não-identidade.

1.3 Brasília: Muitas ou nenhuma identidade?

*“Como será quem nasce em Brasília quando crescer e virar homem?
Porque a cidade é habitada por forasteiros nostálgicos. Os exilados.
Os que nascem lá serão o futuro. Futuro faiscante como o aço”.*
(Clarice Lispector)

Brasília foi construída para romper com o antigo, na busca de uma ruptura com o passado do Brasil. O corte entre as linhas vertical e horizontal pretendia cortar também qualquer relação com aquele Brasil arcaico. Enquanto, no coração do país, se construída Brasília, buscava-se também a construção de um novo Brasil.

Logo no começo do governo de Juscelino Kubitschek, Brasília é apresentada como uma alternativa aos efeitos desiguais do desenvolvimento do Brasil. A cidade seria responsável por unificar o país que estava fragmentado com o grande desequilíbrio do desenvolvimento de suas regiões (NUNES, 2004). Se desde a colônia, a ocupação do território e as principais negociações e investimento aconteciam no litoral brasileiro, agora, a construção da nova capital em uma localização central em contato com todas as regiões, levaria desenvolvimento aos quatro cantos do país.

Populações inteiras, que até então estavam completamente à margem dos grandes processos sociais, passam a participar de um projeto grandioso, que envolve o país todo. A capacidade de sedução é tamanha que os fluxos migratórios para a nova capital vão ser constantes e, até hoje, não cessaram (*IDEM, IBIDEM* p. 69).

Foi nesse contexto que as pessoas vieram. Armados de esperança e coragem, todos deixaram suas terras para ir ter com a terra vermelha e trouxeram suas terras para se encontrarem com a terra vermelha. Assim, todos emprestaram um pouco do que tinham a esse lugar, que até então não era nada além de sonhos. Brasília era o sonho de cada candango que veio em busca de vida melhor, era o sonho de muitos brasileiros que nela viam um país mais próspero, e era o sonho de JK que se propusera a desafiar o tempo e construir uma cidade em cinco anos. Mais que sonho, Brasília era utopia e como tal, impossível e irrealizável. O cerrado de mata virgem fez-se abrir pelas mãos dos candangos e, contrariando a razão em ritmo apressado, a utopia se tornava concreto.

O candango não veio sozinho. Poucos trouxeram sua família, mas todos trouxeram sua bagagem. Nesse momento, Brasília ainda não tinha história. Suas memórias eram premonições (*IDEM, IBIDEM*). Adultas, as pessoas que se dispuseram a se tornar construtoras de uma história, já tinham as suas. De cada canto deste país de proporção continental, vieram memórias, músicas, danças, comidas, hábitos. Clemente Luz (1967) narra, em crônicas escritas durante a construção da cidade, as cantorias entre as batidas de martelo. A obra, que acontecia em ritmo frenético, era embalada por canções de diversas regiões do país. Além da grande quantidade de ferro e concreto, Brasília foi construída por muitas culturas.

A cidade era construída e as pessoas que aqui estavam seguiam vivas, não só como trabalhadores e ajudantes da construção de um sonho. Brasília tornava-se concreta não só a cada prédio que se erguia, mas em todas as relações, histórias e memórias que aconteciam nos canteiros de obras e para além deles. Quando da inauguração de Brasília, em abril de 60, o discurso de JK expressou sua felicidade por conseguir o grande feito questionado por tantos. Os 50 anos em 5 estavam ali, para que todos vissem: “Vós todos, aqui presentes, a estais vendo, agora, estais pisando em suas ruas, contemplando os seus belos edifícios, respirando o seu ar, sentindo o sangue da vida em suas artérias”. Entretanto, a cidade não tomou vida somente depois da solenidade de inauguração, como uma máquina que, ligada, passa a funcionar. Brasília já era, antes de ser oficialmente.

Uma cidade não se funda, ela se forma permanentemente, não apenas quando as funções de capital foram para lá transferidas, a partir da sua existência oficial em 21 de abril de 1960. Ao contrário, aquele ato que se quer fundador acontece quando o lugar já existia e já apresentava uma memória sua, mesmo se embrionária (NUNES, 2004, p. 87).

A construção do Congresso Nacional, chamado pelos candangos de “vinte e oito” devido ao número de seus pavimentos (LUIZ, 2007), assim como diversas outras obras de monumentos, era um espaço de trabalho, vida e também de memória. Como em todos os ambientes de trabalho, ali se passavam momentos de tensão (inclusive acidentes de trabalho) e alegria. A foto abaixo, representativa do que foi vivido nesse processo de construção ilustra como estes momentos de trabalho aconteciam. Apesar de ser uma imagem estática, a conversa, os movimentos e o companheirismo são visíveis na fotografia. Registrado neste momento, estão pessoas sentadas ao chão do que viria a ser o Congresso Nacional, e neste espaço mantinham relações significativas e carregadas de subjetividade e emoção.



Figura 1- Operários na construção, 1959, autor não identificado (Arquivo Público do Distrito Federal)

Entretanto, após a inauguração da cidade, com a transferência do serviço público para a nova capital, aquele espaço deixa de pertencer a quem o construiu. Neste momento, os candangos migram completamente para o entorno da cidade, como a conhecida Cidade Livre e Brasília, antes utopia, se torna apenas mais uma cidade dividida em centro e periferia. Os monumentos da cidade passam a ser espaços de poder e, portanto, só têm acesso a eles quem o detém. Nicolas Behr (2009) traduz em poesia, as relações estabelecidas na cidade a partir do momento em que deixam diversos espaços deixam de ser um lugar e passam a ser um órgão que é público, um público seletivo.

Brasília só para convidados

Sem crachá não entra

Sem carimbo não entra

Sem puxar saco não entra

Sem este poema não entra

(p.102)

Segundo Carlos (2007) a Esplanada dos Ministérios é, atualmente, um não-lugar, onde não há relação afetiva entre os habitantes da cidade e o espaço físico, não há sentimento ou identidade. Para a autora, a construção deste espaço segue uma lógica que impõe comportamentos e modos de uso. E neste caso, modos de não uso.

[...] os passos senão proibidos formalmente o são pela sua morfologia e concepção do lugar. Não há calçadas passíveis de serem percorridas pelo passo do *flâneur*, apesar de existirem calçadas; o traçado das avenidas, sua

largura, a ausência de faróis a rapidez do trânsito, dificulta a travessia, impedem o passo. Uma monumentalidade vazia, não há tantos carros transitando eles estão parados nos estacionamentos dos prédios e anexos ministeriais (CARLOS, 2007, p.19).

O planejamento de Brasília incluía, além do formato de avião e grandes construções padronizadas, as cores dos uniformes dos motoristas de ônibus e o chapéu que deveriam usar. Desde a existência do mundo, o homem constrói cidades em torno de suas necessidades e vontades e no caso de Brasília, o homem precisou adaptar-se ao que está posto. A disposição de blocos, avenidas, comerciais e locais de lazer tentava prever hábitos das pessoas que a ocupariam, entretanto, muitos destes planejamentos não se concretizaram, visto que ali viveriam humanos e, portanto, agiriam de forma imprevisível. Ainda que pensada nos mínimos detalhes, Brasília só não previa sua cultura. Como colocar no papel um prato típico, uma música local, uma mania, um hábito coletivo?

Assim, por conta das contribuições culturais vindas de tantas partes do Brasil e a mistura de todas elas, criou-se a percepção de que Brasília não tem a sua cultura. Fundamentada na angústia pelo pouco tempo da cidade, a afirmação de que esta não possui identidade rodou o país, se tornando mais um estereótipo; esta ideia tem espaço inclusive em Brasília. O “antigo” se confunde com o pronto e o “novo” parece não existir, ao contrário das outras cidades com história mais longa.

Em Brasília, o fio condutor da história está próximo; o ponto de partida está visível a olho nu. A saga da construção da nova capital está mais presente na memória das pessoas que a viveram do que na história que as estruturas de poder irão elaborar sobre ela (VASCONCELOS, 2011, p.137).

Interessante perceber que a ideia de uma cidade sem identidade se dá num contexto onde a história faz parte da realidade dos que vivem na cidade, se mistura com suas histórias e de suas próprias famílias. Será que temos necessidade de um passado histórico longínquo para reconhecermos a construção de uma identidade? O passado só se configura como passado se for distante? O presente não faz parte da história? Será necessário distanciar-se do que foi vivido para aproximar-se da história e assim de elementos identitários?

É claro que os candangos foram as pessoas que vieram para colaborar com a construção de Brasília, e estes, vindos de outras localidades, tinham suas culturas, suas raízes, mesmo que agora estivessem distantes. Se antes, como colocado por Clarice Lispector em crônica sobre a cidade, Brasília não ainda não tinha o homem de Brasília, hoje, já com os homens e mulheres da cidade, a questão que se coloca é sobre a identidade do brasiliense, filhos e netos da cidade, nascidos e crescidos aqui. Apesar de ter sido caracterizado por não ter características, o brasiliense já possui práticas que parecem mostrar o nascimento de um jeito de ser peculiar. Segundo Nunes (2004),

A vida social que se instaura é organizada por meio de vínculos que, embora recentes no tempo e lugar – e portanto, aparentemente frágeis –, vão construindo formas de vida que irão pouco a pouco, traduzindo-se na forma de ser “brasiliense” ou “candanga”. Em outras palavras, uma forma de ser ou um modo de vida próprio e que se firma na medida em que é percebido como diferente das demais formas; uma realidade invisível que organiza as práticas e as representações dos agentes (p.84).

Vasconcelos (2011) coloca como exemplos de práticas do brasiliense, o respeito às faixas de pedestre e a negação da buzina, hábitos que espantam pessoas que vêm de outras partes do país. O morador de Brasília tem facilidade em lidar com o novo, talvez por habitar uma cidade nova, que traz consigo a responsabilidade da mudança. Assim, é possível encontrar nos meios de comunicação, nos tímidos estudos recentes e nos próprios brasilienses, uma nova visão sobre o morador dessa cidade, que não se vê como alguém que não possui identidade, mas que percebe na própria diferença da construção identitária um elemento de sua constituição.

O habitante dessa cidade utópica é ainda a confirmação da realização do sonho de um sem número de pessoas. Lúcio Costa, ao visitar a cidade em 1987, encontra-se com a sua imaginação, seus sonhos e traços de forma viva e pulsante, e fica impressionado com o uso que a população faz do que foi desenhado. Lúcio diz ainda que os habitantes da cidade tomaram conta do que foi projetado para eles, e afirma que têm razão, sendo ele o equivocado em pensar que tudo sairia de acordo com o planejado. “Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído” (COSTA, 1987). Ser brasiliense é, acima de tudo, ser o personagem vivo de uma história que poderia ser mito.

Capítulo 2 – A arte em Brasília: Diversas leituras da Cidade utopia

Uma cultura é formada por diversos fatores, entre eles a dança, a comida, os costumes, hábitos, etc. e é constituída ainda, pelas diversas atividades que servem de manifestação cultural. Assim, a cultura de um lugar é feita também pela forma como seus habitantes manifestam seus elementos constituintes.

Por ser construída por meio de muitas subjetividades, a expressão da cultura de forma objetiva é muito complicada. Sendo assim, a arte surge como forma profunda e sensível de expressar sentimentos, emoções e significados culturais. Segundo Vargas (1989)

A cultura artística adquire uma relevância fundamental, na medida que produz signos estéticos que transmitem não apenas ideias e valores, mas também efeitos sensoriais e emocionais que atingem o foro íntimo das pessoas: nas mais imprescindível para a solidificação das identidades coletivas (p. 344 e 345).

Assim, este capítulo pretende trazer como a arte, no caso de Brasília, uma cidade tão peculiar pode servir como forma de expressar os sentimentos de seus habitantes pela capital e ainda como uma maneira de entender a cidade.

2.1 Vazio que aglomera: O Movimento artístico em uma cidade feita de sonhos

Brasília é, desde o seu princípio, permeada de elementos do imaginário. A cidade não existiria não fossem as asas que um grupo de pessoas deu à imaginação. Brasília foi inventada, criada e ainda que pareça tão racional e concreta, foi fruto do pensamento, sentimento e inspiração de cada um dos que contribuíram para a sua construção. Esta cidade é, sem sombra de dúvida, uma obra de arte.

Ainda quando o presidente vivia no antigo palácio de madeira - o catetinho - encomendou de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, uma sinfonia para a cidade. Não cabia naquele momento qualquer música já composta no país. Para uma cidade completamente nova e inovadora era necessário criar algo especial. Dessa forma, Tom e

Vinícius vieram para Brasília quando esta ainda era nada e, em contato com a mata virgem que circundava o palácio, compuseram uma sinfonia para a cidade, chamada de Sinfonia da Alvorada. Assim, a arte se mostra como necessidade, logo no início, quando a cidade era germe. Era necessário um fundo musical para fazer par com o bonito traçado de Lúcio Costa, que passeia entre arquitetura e arte; e ainda, para embalar o sonho da construção da nova capital.

Além de Lúcio Costa, Niemeyer é mais um dos responsáveis pela existência de uma cidade arte, onde prédios são dignos de olhares apaixonados. Andar por Brasília é passear por uma enorme exposição, onde se vê monumentos enormes, de formatos inusitados desenhados milimetricamente e construções distribuídas geometricamente. O estranhamento é perceptível em todos os que acabam de conhecer a capital, e a beleza da cidade é inegável. Santos (2010) afirma que até os vazios da cidade foram planejados por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e coloca ainda que estes vazios também são responsáveis pela inspiração artística na cidade.

As grandes avenidas largas e o privilégio do carro em detrimento do homem incutem naquele que vive em Brasília a missão de povoá-la, fazendo-o refletir os espaços de grandes dimensões. É comum que a arte na modernidade se ocupe também de tentar explicar as dimensões humanas”(IDEM, *IBIDEM*, p. 44).

A grandeza do espaço liberta o habitante ao mesmo tempo em que o prende e sufoca. No vazio, em meio a tanto nada, vem a aflição do falar, do decifrar. Explicar Brasília só é possível por meio da arte. Entendê-la, também. Sua cultura, ou a falta dela, traz elementos só entendidos por quem habita a cidade.

Ainda durante a construção da cidade, a arte esteve presente, para acalmar corações partidos, animar noites de bebedeiras e incentivar os candangos que trabalhavam incansavelmente para concretizar a arte de Lúcio e Niemeyer. A saudade virava música. O cotidiano da cidade virava poesia, bem como as cartas enviadas para os parentes que ficaram em suas cidades de origem. O trabalho era quase teatro, todos atuavam, cumprindo perfeitamente o papel de heróis brasileiros, que contribuía diariamente para uma completa mudança no país. No cenário de terra vermelha, onde o vento levantava poeiras, entre a dor da partida e a animação da esperança, todos se tornavam artistas.

Brasília acolheu muitas músicas, danças, escritas. A cidade recebeu o que cada um tinha para oferecer, toda contribuição era válida para aquele espaço antes vazio de vida e, portanto, de arte. Por estarem os candangos órfãos de suas cidades, a diferença tornava-se pequena, natural e até admirável. Dessa forma, o centro de um país tão grande tornou-se um caldeirão, com uma bonita mistura artística até então desconhecida.

Segundo Vargas (1989), a cultura em Brasília, logo após a sua construção, recebeu incentivo governamental, no sentido de dar à cidade a cara do novo Brasil, e trazer uma identidade própria para uma população formada de migrantes em um espaço completamente novo, aliando as características regionais trazidas pelos candangos à modernidade cosmopolita.

Do início dos anos 60 até o golpe militar de 64, Brasília viveu um período de notável efervescência cultural, associado à ideologia nacional-desenvolvimentista e à utopia modernista (*idem, ibidem*, p. 343).

Entretanto, o autor ressalta que esta tentativa de criação artificial de uma cultura para Brasília não favorecia os habitantes da cidade, na medida em que se destinava mais ao Brasil do que aos brasilienses, colocando o pioneirismo dos candangos de forma romântica para os olhos do restante do país.

Poucos anos depois, no contexto de pós-inauguração, toda a esperança e sonhos que permeavam o ambiente da nova cidade parecem transformar-se em pesadelos e a capital se torna um espaço de forte autoritarismo. A ditadura militar instala-se em todo o país e a utopia que motivou a construção de Brasília torna-se uma dura realidade. A beleza do novo, as possibilidades de mudanças e rompimento com a lógica persistente de Brasil Colônia, parecem cair por terra e Brasília passa a ser marcada por sua burocracia e politicagem. Fazer arte, nesse contexto, era sinônimo de errar. Expressar-se era crime. “Sediando o poder autoritário, as manifestações artístico-culturais de Brasília serão vitimadas de maneira especial por uma censura implacável” (VARGAS, 1989, p. 342). O poder silenciou a tão nova cidade.

Nesse contexto, a diversão e a arte na cidade se resumiam a festas e bailes organizados em clubes ou casas particulares, que para agitar a juventude, ou

reproduziam músicas escutadas por todo o país, seguindo a moda brasileira, ou representavam as tradições das diversas regiões. Assim, aconteciam ainda chás de mulheres, rodas de samba, serestas, encontros sociais e festas dançantes. Em entrevista cedida a Helena Mader, do Jornal Correio Braziliense, uma carioca que vivia em Brasília logo em seus primeiros anos lembra:

Apesar da poeira, a vida aqui era muito boa. Todo mundo se conhecia e havia bailes em praticamente todos os fins de semana. Quando não tinha nada programado, a festa era na nossa casa, que ficava na 707 Sul (p.40).

Assim, Vargas (1989) afirma que é somente a partir da década de 70, quando há um maior relaxamento político, que de forma tímida e quase amedrontada, artistas da cidade começam a mover o que esteve calado, sendo possível verificar em Brasília uma nova vertente artística, agora sim produzida por candangos, com significado para o habitante da cidade e por isso, público firmado. Além disso, é neste ano que os artistas da cidade estreitaram seu conhecimento mútuo, e verdadeiramente juntaram-se em torno da arte.

Uma plebe urbana que colocaria em uma frigideira fervente a prévia romântica musical temperada com a revolta, irmã mais velha da ditadura e do tédio dominical da cidade deserta nos longos finais de semana, que levava os jovens solitários a confessar o trauma de um êxodo, de viver sem avós e sem primos. Nesse vazio cultural, o brasiliense inspirou-se para “fazer um som” nas garagens da cidade que começava a adquirir alguns traços de sua ansiada personalidade (VASCONCELOS, 2011, p.129).

O jovem sentia vontade de falar, explicar o sentimento de habitar aquela cidade laboratório. As cobaias eram pessoas, e como tal, esperavam ansiosamente por um momento, um espaço em que pudessem libertar seus pensamentos. Brasília era, além de um lugar diferente por ser planejada, o centro do poder, modelo de cidade militar e os tantos limites serviram de alimento para o crescimento da vontade de se expressar. O processo de criação da cidade manifestava-se de forma individual ou grupal, anônima ou reconhecida e é ainda hoje vivo e exuberante.

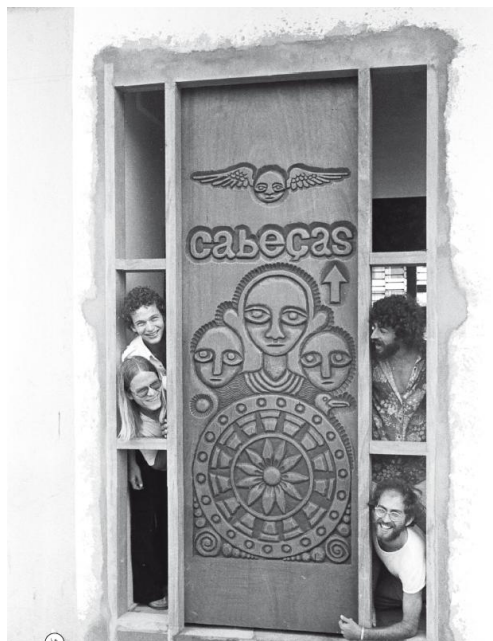


Figura 2 – Porta da Galeria Cabeças, autor Desconhecido (do livro Beije-me de Nicolas Behr)

No final da década de 70 a juventude de Brasília toma as ruas e leva a arte aos tantos espaços da cidade, incluindo superquadras, paradas de ônibus e muitos outros. A poesia marginal, com o grupo da Galeria Cabeças¹ se propôs a lançar um olhar crítico sobre a jovem capital, unindo elementos poéticos e musicais no que se configura com uma cultura candanga.

No campo musical, Brasília contava, neste momento, com duas grandes vertentes de sucesso. Um grupo mostra um caráter pluralista em suas produções, caracterizado pela mistura de ritmos e estilos musicais advindos da grande multiplicidade de origens dos que vieram para a cidade. Assim, Renato Matos, baiano que escolhe a capital como musa para sua arte, e a banda Liga Tripa se colocam como os principais nomes desta vertente, que misturava a cultura de diversas regiões do Brasil ao mesmo tempo em que utilizava a capital como matéria-prima de suas obras (VARGAS, 1989).

¹ A Galeria Cabeças foi construída na década de 70 por artistas da cidade, para servir como um espaço físico de produção e disseminação da arte em Brasília. O grupo, que fazia parte da chamada “poesia marginal”, realizava os Concertos Cabeças, que contavam com apresentações musicais, teatrais, literárias, entre outros e acontecia em superquadras da Asa Sul. Muitos dos artistas da cidade e também bandas hoje reconhecidas nacional e mundialmente passaram pelos palcos dos Concertos organizados pelo grupo Cabeças.

No que diz respeito ao Rock, a trajetória se mostra diferente, na medida em que o gênero traz influências de todo o mundo. Dessa forma, também em Brasília, contrariando a beleza encomendada por Juscelino aos músicos Tom Jobim e Vinícius de Moraes quando da construção da cidade, a música aqui passa agora a ter um caráter crítico e irônico. A bossa nova de Tom e Vinícius carregava em si a beleza do viver no Rio de Janeiro, enquanto o Rock retratava as peculiaridades, revoltas e estranhamentos do viver em Brasília. Dessa forma, a cidade passa a ser conhecida também como capital do Rock.

Entretanto, por conta do reconhecimento nacional, diversas bandas da cidade mudaram-se da capital, buscando o profissionalismo musical. Assim, apesar de terem como base e pontapé inicial para suas origens, bandas como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Capital Inicial, continuam trazendo a crítica em suas letras, mas deixam de utilizar Brasília em suas letras, no intuito de tocar não só os habitantes da cidade, mas todo o Brasil.

Independente do estilo musical trazido por cada banda da cidade, todos os tipos de arte conviviam em plena harmonia neste momento, formando todos um único grupo interessado em fazer arte na nova capital, fazendo apresentações conjuntas pela cidade e, inclusive, gravando a mesma música, como é o caso de Travessia do Eixão, poesia musicada de Nicolas Behr, traduzida em ritmo pelas bandas Liga Tripa e Legião Urbana.

Nossa Senhora do Cerrado
Protetora dos pedestres
Que atravessam o eixão
Às seis horas da tarde
Fazei com que eu chegue são e salvo
Na casa da Noélia
(2010, p.46)

A partir do recorte abaixo retirado de uma edição comemorativa de 9 anos do grupo Tribo das Artes², localizado em Taguatinga, é possível perceber que a produção

² A Tribo das Artes é um movimento cultural composto por grupos artísticos. A Tribo é famosa por seus saraus onde é possível encontrar todos os tipos de arte em um só lugar. O grupo é responsável pelo lançamento de livros e discos, exposição de fotografias, artesanato e artes plásticas, além da exibição de

artística da cidade não se restringe ao que é conhecido como Plano Piloto, abrangendo de forma muito relevante, os movimentos culturais de diversas cidades satélites.

Nos anos 80 os movimentos culturais nas cidades satélites foram imensamente atuantes e Taguatinga teve destaque nesse processo, com a criação da Associação de Arte e Cultura e a organização dos maiores eventos culturais já realizados pela própria comunidade. Houve associações ou movimentos também em outras cidades, que realizaram feiras, semanas ou jornadas de arte e cultura com grande participação. Foi um período de intensa militância, em que estiveram articulados representantes de Ceilândia, Cruzeiro, Gama, Guará, Paranoá e Taguatinga (TRIBO DAS ARTES, p.92).

Pinto (2002) define o entorno da cidade como um arquipélago e uma colcha de retalhos, pelo fato de lá se situarem a maioria dos grupos populares do Distrito Federal. A autora afirma ainda que a paisagem cultural da cidade é desenhada por uma convivência entre os mais diferentes tipos de culturas.

Hoje nos seus sítios culturais pode-se ouvir nos fins de semana entre os produtos locais o jazz, o choro, o pagode, a música caipira, o rap, o reggae, MPB ou rock em sua infinidade de sub-gêneros; trash, metal, grunge etc. Brasília tem hoje mais de trezentas bandas de rock, quase cem duplas caipiras, e quarenta grupos de rap e hip-hop que se reúnem regularmente. Mapear e conhecer estes fazeres parece tarefa impossível (PINTO, 2002).

O Distrito Federal assume as diversas facetas da arte. O teatro está nos mais alternativos espaços da cidade, e ainda no Teatro Nacional, que apesar de estar localizado ao lado da rodoviária, no intuito de aproximar população e arte, é um lugar apropriado pelos mais abastados. A música está nas garagens, casas de show, bares e restaurantes da cidade, contando ainda com concertos e a Escola de Música³, que assume um papel de grande estimuladora da musicalidade da cidade, por meio de seus estudantes além de formar grandes músicos de Brasília. A poesia e literatura em geral podem ser encontradas nos livros mais sofisticados com publicação nacional, em

filmes e apresentações musicais, dança, poesia e teatro. Inicialmente composta por artistas de Taguatinga, hoje a tribo tem integrantes de todo o Distrito Federal.

³ A Escola de Música de Brasília é uma escola pública, localizada no Plano Piloto, responsável pela formação de musical de muitos brasilienses. A escola oferece cursos em todas as modalidades instrumentais e vocais. Além disso, a instituição promove diversos eventos culturais na cidade, todas com entrada franca.

pequenos grupos literários alternativos e até na câmara dos deputados⁴, de onde se espera apenas a escrita e leitura de leis e ainda em açougues⁵, onde geralmente buscam-se outros tipos de alimentos, que não os da alma. Além disso, podem ser encontrados todos os elementos da arte em uma bonita mistura, no diversos saraus e eventos que acontecem regularmente na cidade, tanto em espaços públicos quanto privados.

Assim, apesar de parecer empobrecido e vazio aos olhos de quem o ignora, o movimento artístico do Distrito Federal une habitantes vistos como extraterrestres por morarem em uma cidade que mais parece outro planeta, evidenciando um lado caloroso e criativo da cidade utopia.

2.2 Quem lê a Cidade: Escritores e escritos de Brasília

Não cabe neste espaço adentrar os caminhos de uma discussão que tenta descobrir se de fato, há ou não uma literatura brasiliense. Alguns autores se colocam contrários a este tipo de rótulo, defendendo que não existe literatura brasiliense na mesma medida em que não existe literatura piauiense, curitibana e os tantos outros estados e cidades que compõem nosso país. Em contrapartida, outras pessoas defendem que há sim, na escrita brasiliense, um traço peculiar, que só cabe a quem vive na cidade.

O presente trabalho parte do pressuposto que existe na cidade uma produção artística de grande relevância sem, contudo, tentar estabelecer rótulos para tais construções literárias. Dessa forma, este trabalho assume os termos escritores e escritos de Brasília, considerando assim, os escritores da cidade que falam sobre a mesma, os escritores daqui que falam de tantas outras partes do mundo, bem como escritores que

⁴ Núcleo de Literatura da Câmara dos Deputados é situado fisicamente em uma pequena sala da Câmara dos Deputados, lá semanalmente acontecem encontros literários, com leitura e discussão de diversas temáticas relacionadas a arte, o espaço é aberto ao público. O Núcleo organiza ainda desafios literários em que muitos novos artistas são descobertos, oficinas literárias e saraus temáticos, onde reúne dança, música, poesia, entre outros tipos de arte.

⁵ O açougue cultural T-bone é conhecido na cidade por misturar em um único espaço alimentos do corpo e da alma. Localizado na Asa Norte de Brasília, o açougue organiza uma grande quantidade de apresentações artísticas. Algumas vezes por ano, o açougue fecha uma quadra da Asa Norte e realiza grandes shows para o grande público. Além disso, o T-Bone implementou um projeto de incentivo a literatura, no qual disponibilizou livros por várias paradas de ônibus da cidade.

emprestam seu olhar de fora para explicar a cidade. Além disso, é necessário explicar que o termo Brasília, aqui utilizado não se restringe somente ao Plano Piloto da cidade, mas abrange todos os que moram no Distrito Federal e, entretanto, de forma costumeira se intitulam como brasilienses.

Brasília é poesia desde antes de sua construção. Junto ao projeto do que seria a cidade, dividindo a mesma pasta e mesmos papéis, estava a escrita poética de Lúcio Costa. Apesar de ser responsável por projetar a cidade, o arquiteto emprestou, além dos dotes da arquitetura, uma explicação sensível para o que imaginou para a nova capital. Assim, para descrever o formato da cidade, Lúcio Costa coloca: “Nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos, cruzando-se em um ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 1957).

Ainda sobre seu projeto, Drummond, que além de escritor, trabalhava no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), descreve em bonitas palavras o seu estranhamento diante de uma cidade planejada e as tantas vidas que saíam daquele papel.

Peguei da folha e tive entre os dedos nada menos do que a cidade de Brasília, inexistente e completa, como um germe contém e resume a vida de um homem, uma árvore, uma civilização. [...]. Falei em rabisco. Era um rabisco e pulsava [...] (VEJA, 2010).

Durante os tempos da construção da cidade, Clemente Luz soltava a voz em uma rádio da cidade, narrando fatos do cotidiano de Brasília em formato de crônicas. A atenção da cidade voltava-se ao cronista logo que seu programa começava. Assim, a vida daquelas pessoas, que por vezes parecia ser de solidão e dificuldade, tornava-se uma bonita história contada poeticamente pelo cronista:

[...] Na casa quase sem móveis, homens solitários se entreolharam, procurando esconder a saudade em gargalhadas forçadas, mais pranto do que riso, contando piadas de mau gosto ou sorvendo, desordenadamente, grandes goles de aguardente. Todos procuravam, com violência, a embriaguez, para o entorpecimento da memória, onde dormiam as recordações e os sonhos sopitados[...]. Quando soou a hora de ser ouvido o sino de Belém, não havia Belém, nem havia sino. Não havia sinos, ainda, em Brasília. Nos amplos descampados do Planalto, onde as pesadas máquinas marcavam o ritmo do trabalho mecânico e humano, dia e noite, naquele instante só existia o barulho da chuva, barulho miúdo, renitente, enervante... (LUZ, 1968).

O presidente JK descreve da seguinte forma a obra de Clemente Luz, no próprio livro “A invenção da Cidade”:

Toda a poesia das longas noites de trabalho, toda esperança das horas infatigáveis da construção estão contidas em suas páginas. É um diário que fala e faz chorar de saudade. Foi feito em prosa, mas é o poema da cidade (KUBITSCHKEK, 1968).

Pilatti (2010), ao traçar um histórico da história da literatura na cidade, traz elementos que, segundo ele, comprovam a existência de um movimento literário na cidade. O autor cita a grande quantidade de textos publicados sobre Brasília ao longo de seus 50 anos como um destes fatores e, ainda, a primeira antologia de poetas da cidade, organizada logo após a inauguração da cidade, ainda em 1962 por Joanyr de Oliveira. Outro elemento que merece destaque no que diz respeito ao movimento literário na cidade é a criação da ANE – Associação Nacional de Escritores, em 1963 pelo escritor Almeida Fischer, no intuito de organizar o trabalho e apoiarem-se mutuamente.

Apesar de ter sido construída poeticamente enquanto era construída em paredes, aço e concreto, e dessa forma, ter desde o seu início e até antes dele, a literatura em seus diversos espaços, Brasília teve seus primeiros anos de vida marcada também pela ditadura. Como dito, este período obscuro, onde o governo dirigia o país com mão de ferro, se configurou como uma grande perda para a cultura de todo o Brasil, em especial para a capital, ainda tão nova. Assim, Brasília nasceu poética e em sua primeira infância foi podada, para ser palco de um exemplo de militarismo. Segundo Oliveira (2004, *apud* Andrade, 2008), as lacunas deixadas por este período obscuro da história brasileira tiveram sérias seqüelas para a cultura no Distrito Federal, o que prejudicou a construção de uma identidade local e do sentimento de cidadania brasiliense. Para o autor, tais carências são alguns dos motivos pelos quais a população não valoriza seus escritores, como acontece em outras regiões do país.

Entretanto, a ditadura militar teve talvez como seu único lado positivo o poder de instigar jovens a expressar sua revolta. Diante de tanta proibição, a literatura surge na cidade como uma forma de resistência. Sousa (2008) afirma que a Poesia Marginal foi o movimento que resistiu ao momento político de conservadorismo, buscando um contato corporal com a palavra e com a própria cidade. Assim, estes poetas transformaram seus indignação e sentimentos em versos.

Nicolas Behr publicou, na década de 70, um conjunto de cinco *fanzines* mimeografados, que foram posteriormente publicados no livro *Restos Vitais* (2005). Traduzindo esta ânsia pelo falar, um desses *fanzines*, *Chá com Porrada*, traz uma página inteira, em branco, contendo apenas um desenho de uma navalha e a seguinte frase: “Aumente o volume do teu grito”. Além disso, Nicolas expressa, em *Iogurte com Farinha*, também publicado em *Restos Vitais*, sua revolta sobre o calar que assombrava a cidade.

e por falar nisso...
bem, é melhor não falar nisso

quem sabe não vou deixar puto
alguém com influência no governo?
com amigos na polícia?

eu é que não vou
cair nessa conversa
de que todos são iguais perante a lei.
(p.21)

Os poetas da *Geração Mimeógrafo* vendiam seus livrinhos em bares, portas de teatros e escolas, caracterizando esta época como uma fase heróica da poesia, onde o poeta se aproxima do público e a poesia da vida, como dito por Nicolas para o jornal alternativo *Navégus*, em 1979.

Com respeito aos movimentos, talvez os mais significativos para a tradição de uma literatura com a cara de Brasília sejam aqueles que apareceram em torno da poesia marginal. (PILATTI, 2010).

A ditadura, apesar das tantas críticas feitas pela juventude através da arte, continuava implacável, censurando muitas produções. Nicolas Behr foi preso em flagrante em 1978 por posse de materiais “pornográficos”, no caso, seus livros mimeografados. O livro *Restos Vitais* (2005) traz em suas páginas o processo (chamado por Nicolas de “Prosexo”) e os diversos testemunhos que anexou em sua defesa naquele momento, como depoimentos de Drummond e Heloísa Buarque de Holanda. Após sua absolvição, proibido de publicar novos livros por um período, Nicolas Behr passa a escrever poemas em telhas de barro para depois queimá-las, na fase chamada de *O que der na telha*.

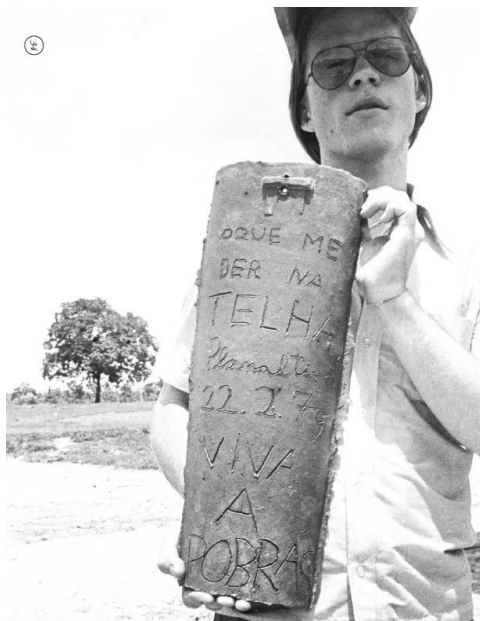


Figura 3 – Nicolas com um escrito em telha, autor desconhecido (do livro *Beije-me* de Nicolas Behr)

Mas nem só de críticas ao poder era feito o movimento artístico literário da cidade. As pessoas falavam também das tantas belezas trazidas pelo cerrado e das peculiaridades de uma cidade diferente de todas as outras do Brasil, por ser planejada em seus mínimos detalhes. Nestas questões, o tom variava entre crítica, ironia, elogios e amor pela nova cidade. Ainda hoje, escritores retratam em sua poesia, suas emoções e impressões sobre Brasília. É claro que muitos dos estranhamentos não são mais os mesmos. A poesia mudou com a cidade. No poema abaixo, é possível perceber o encantamento da autora mineira Regina Melo frente ao desabrochar da cidade:

Será um ipê branco ?
 O chão assim pintado, deve ser neve ...
 Neve no cerrado em flor.
 Um ipê branco!
 Pé de pipoca, oras,
 Em Brasília, tudo dá!
 (MELO, 2009, s/p)

Como bonito exemplo de um olhar estrangeiro para cidade, a poesia das palavras de Clarice Lispector traz o estranhamento da mesma para com a cidade. A escritora produziu dois textos sobre suas emoções pela capital, os dois muito carregados de sentimento e verdade. No trecho abaixo, retirado do texto “*Brasília: cinco dias*”,

Clarice tenta expressar a dificuldade de uma explicação acerca de seus sentimentos sobre a capital.

Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia, vêem nisso uma acusação; mas minha insônia não é bonita nem feia, minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério (LISPECTOR, 1964 *apud* BRASÍLIA POÉTICA, s/p).

Segundo Sousa (2008), é a busca por uma identidade brasiliense que dá excelência à poesia brasiliense. Entretanto, além dos artistas que têm Brasília como musa, há ainda na cidade muitos que têm nela os temas de sua escrita poética, mas que invariavelmente são inspirados pela aura desta cidade, que como dito, detém em si diversos elementos que incentivam a arte.

Assim como a Cidade é um cadinho de fisionomias, hábitos, falares de todas as regiões do País, tendendo talvez, nas novas gerações nativas, a uma síntese nacional, a literatura nela produzida retrata ou reflete essas origens, havendo, contudo, desde os primeiros momentos, contos, novelas, romances aqui ambientados (HORTA, 2003 *apud* ANDRADE, 2008, p.23).

A maior beneficiada por esta bonita mistura de gêneros, estilos, é a literatura, que dessa forma, toca intimamente mais pessoas, por fazer sentido e assim, gerar sentimento. Além disso, tantas identidades em um lugar são uma forma de identidade para a literatura de Brasília. Sousa (2008) lembra que ainda são poucos os poetas da cidade, nascidos em Brasília, entretanto são muitos os que foram adotados pela cidade, tornando-se brasilienses. O autor coloca, ainda, que essa falta de autores filhos legítimos da cidade não é prejudicial à produção literária da cidade, e pelo contrário, promovem uma bonita “troca de fertilidade” (p. 11), onde dão face à cultura da cidade enquanto se constroem pessoalmente com a mesma.

Citar aqui, pontualmente, os autores que fazem parte do movimento artístico literário da cidade, seria da ordem do impossível, e seriam cometidas, no mínimo, grandes injustiças. O site Brasília Poética⁶, criado quando das comemorações do

⁶ www.brasiliapoetica.blog.br

cinquentenário da cidade, traduz logo em seu título, uma Brasília permeada pela arte. E é um espaço responsável pela reunião da poesia da cidade. Ao utilizar crônicas, narrativas, histórias de vida, recortes de jornal, prosa e poema, este espaço mostra, na realidade virtual, a beleza da construção poética da cidade.

Assim, tomo a liberdade de colocar aqui, na tentativa de representar o movimento literário de uma cidade que inspira seus habitantes, uma produção da pesquisadora e autora deste trabalho, que enquanto brasiliense, nascida e criada na cidade, traduz em palavras a revolta que sente todas as vezes em que ouve um humano dizendo que Brasília não é humana.

O que falta para que Brasília seja humana, senão os próprios humanos? Um decreto presidencial? “A Lei 0000/00 define que a partir da data de sua publicação, a capital federal será humana”. Por vezes acho que será mais fácil as torres do Congresso saírem andando e cumprimentando todos os servidores de forma calorosa, do que as pessoas perceberem que para ser humano, basta sê-lo (ARAKE, 2009).

2.3 As Leituras da Cidade na Escola

Há muito que a leitura de textos literários no contexto escolar assumiu um papel de apoio, servindo à ortografia, à gramática, e tantos outros aspectos pedagógicos presentes no currículo escolar. A leitura não acontece por si só. Sempre vem acompanhada de uma função e por isso torna-se um fardo.

Segundo Rodrigues (2003)

Ainda hoje, no cenário educativo formal, os verbos ler e escrever são quase sempre conjugados no imperativo, constituindo uma ordem, um comando preciso, que se define por meio de aspectos qualitativos e quantitativos: *leiam* da página tal a página tal, *façam* uma composição com 30 linhas, *escrevam* uma resenha de duas páginas, uma monografia com 1400 palavras. Leitura e escrita têm peso, metragem, rigor (RODRIGUES, 2003, p. 62).

É interessante perceber, entretanto, que apesar de aparecer como auxiliar de aprendizagem, a literatura é colocada por professores e família como mais importante entre todos os tipos de arte. Portanto, a leitura e a escrita, ainda que de forma equivocada, são privilegiadas na sala de aula em detrimento do dançar, desenhar, pintar,

cantar, tocar, mover-se, atuar e tantas outras expressões artísticas que não têm espaço neste contexto. Assim, no desespero do professor que observa a falta de interesse de seus alunos por livros, entram em prática as atitudes na busca incessante de uma grande quantidade de leitura que sirva aos olhos de pais, coordenadores, colegas de profissão e outros atores participantes do processo. A leitura torna-se uma obrigação em sala de aula e dessa forma, nenhum dos tipos de arte é beneficiado no contexto escolar.

A triste situação da literatura considerada somente com caráter quantitativo é um assunto tratado por muitos autores da área e não é restrita a determinadas regiões ou tipos de escola, estando essa realidade presente em instituições públicas e privadas, de regiões e cidades mais ou menos privilegiadas.

No caso de Brasília, a arte tem papel primordial para o entendimento do viver em uma cidade tão diferente do resto do país. Como dito, a compreensão da profundidade das relações que se estabelecem na cidade pode ser muito facilitada por meio de expressões artísticas, onde o sentimento e a emoção têm vez e voz. Só a poesia traz a possibilidade de um olhar terno para uma cidade que sofre tantos abusos de poder. Entretanto, também em Brasília, que deveria cumprir, enquanto capital, modelo para a educação de todo o país, e ainda auxiliar seus habitantes no reconhecimento de si e de sua cidade, é possível identificar ações que levam os alunos ao afastamento do livro literário e outras possibilidades do sentir.

Se as diversas possibilidades de leituras de Brasília parecem não ter espaço privilegiado no contexto das salas de aula da cidade, a legislação específica do Distrito Federal, entretanto, contempla grandemente o que conceitua de literatura brasiliense, na medida em que torna lei a sua inclusão no currículo da rede pública de ensino do DF. A Lei Orgânica do Distrito Federal propõe em seu Art. 235 a obrigatoriedade da literatura local no currículo, conforme pode ser visto abaixo.

§ 2º Para efeito do disposto no *caput*, o Poder Público incluirá a literatura brasiliense no currículo das escolas públicas, com vistas a incentivar e difundir as formas de produção artístico-literária locais (LEI ORGÂNICA DO DISTRITO FEDERAL, 1993).

Além disso, há ainda decreto que regulariza a proposta anterior, explicitando detalhes, como comissão especial para triagem de obras literárias utilizadas, entre outros que visam a efetivação prática da lei.

Entre os artistas que fazem parte do que é citado pela lei como literatura brasiliense existem diversas opiniões sobre o assunto. Enquanto alguns enxergam a legislação como uma forma de incentivo e acesso à arte na capital, outros a caracterizam como uma possibilidade de transformar as produções literárias da cidade em mais um dos pratos indigestos da literatura no contexto escolar.

Nesse sentido, Joanyr de Oliveira (2004, *apud* ANDRADE, 2008) considera que os escritores da cidade só serão reconhecidos quando a lei que trata da obrigatoriedade da literatura brasiliense nas escolas for cumprida à risca. Já o escritor Nicolas Behr (2010) define poeticamente o que seria a poesia obrigatória, mostrando seu repúdio a uma lei que pregue a literatura de tal forma:

Pobre da literatura que precisa de um decreto para existir.

Literatura Brasiliense é o Diário Oficial.

a poesia é necessária,

mas não obrigatória.

se obrigatória, deixa de ser poesia.

Passa a ser burocracia (p.7).

Não cabe aqui, o juízo de valor da referida lei, mas uma reflexão acerca dos processos que levam à existência da mesma. Será mesmo necessário tornar a poesia uma obrigação? Se ler poesia é lei, não ler poesia pode ser caracterizado como crime?

Hoje as Orientações Curriculares publicadas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal contemplam, no que diz respeito ao ensino fundamental (séries iniciais e finais), não só a literatura brasiliense, mas toda forma de arte e cultura de Brasília. Já para o Ensino Médio, não há referências à cultura da cidade, sendo Brasília citada apenas no contexto da arquitetura moderna. O trecho abaixo, referente ao ensino de Artes para o 4º ano do Ensino Fundamental, mostra a atenção que a SEDF destinou ao ensino de artes no contexto de Brasília e o cuidado com as produções artísticas locais no ambiente da sala de aula.

- Apreciação das obras de Athos Bulcão a partir das formas geométricas, da dinâmica das cores e da integração de arte com Arquitetura, estudo do desenho urbanístico de Lúcio Costa e dos monumentos de Oscar Niemeyer na cidade de Brasília a partir da observação, descrição e interpretação
- Identificar os artistas que contribuíram para a formação do patrimônio artístico e visual na criação estética de Brasília

- Elaboração de ações corporais a partir das formas geométricas, dos monumentos de Brasília e do desenho de Lúcio Costa

- Apreciação das músicas que descrevem a cidade de Brasília e dos grupos que surgiram na cidade (SEDF, 2009, s/p).

Apesar das leis e documentos acima citados, o que se percebe nas escolas do DF atualmente são atividades isoladas, realizadas geralmente na época de comemoração do aniversário de Brasília, nas quais acontecem passeios mecanizados, onde espaços importantes da cidade são colocados e sentidos como intocáveis e distantes da realidade das crianças. Nestes momentos, os alunos animam-se com o fato de não estarem entre as quatro paredes da sala de aula, sem, no entanto, sem aproveitarem todo o potencial que lugares de memória da cidade podem oferecer.

Para entender Brasília e a aura mítica que a envolve, é necessário que aluno seja tocado em sua completude: corpo e alma. Não é possível atingir lugares tão profundos de cada um apenas com passeios aos tantos museus, memoriais e monumentos da cidade. É preciso que haja emoção, interação e sentimento de cada criança com aquele espaço, seus objetos, imagens e informações, no sentido de que ela compreenda que a história da construção de Brasília está muito próxima e a história da cidade é a sua própria. A memória de Brasília é viva. Nesse contexto, a arte, com o poder de tocar o íntimo de seu expectador, deve cumprir um papel fundamental na compreensão de cada sobre sua própria cidade. Além de ser motivo de frustração e agonia vindos dos tantos estranhamentos, viver em Brasília sem compreendê-la é uma perda não só para a história da cidade, mas para as histórias pessoais de cada criança.

Contudo, o prato escolar constitui, freqüentemente, uma provocação da indigestão de leitura. Como conciliar o desejo com a necessidade que advém das exigências curriculares? (RODRIGUES, 2003, p. 63).

Rodrigues (*IDEM, IBIDEM*) ao traçar uma bonita relação entre literatura e alimentação, traz a contradição presente nas práticas de tantos educadores. Ora, como as exigências curriculares podem causar indigestão se a literatura e, além disso, a arte, estão presentes de forma tão sensível em documentos norteadores curriculares? Os professores ignoram as páginas referentes ao ensino de Arte e literatura e somente vão beber na fonte da matemática, geografia e tantas outras disciplinas consideradas como indispensáveis para a educação formal?

Surgem neste momento, diversos questionamentos e preocupações, do ângulo do educador, acerca da realidade do ensino de literatura na escola. Como explicar a ausência da expressão artística na escola apesar da criação de uma lei, que assegura e obriga a utilização da literatura brasileira em sala de aula e ainda, da construção de documentos curriculares estimulando a arte e cultura da cidade de modo geral? O que está faltando na sala de aula para que existam práticas que aproveitem a efervescência cultural da cidade para o ensino? Se, mais uma vez, constata-se que para a relação com a arte não cabe a obrigação, o que fazer para que nossos alunos possam ter o prazer de conhecer a cultura de Brasília?

A melhor resposta aos tantos questionamentos que afligem o educador são exemplos práticos que comprovam a poesia como uma fonte de prazer e não apenas como cumprimento de uma obrigação. Em matéria publicada no jornal *Correio Braziliense* (ver anexo 1) da autoria de Mara Puljiz (2010, s/p) alunos de uma escola pública da Granja do Torto não aparentam sofrimento ao deliciar-se com a poesia. Tal reportagem narra momentos de uma visita de artistas do grupo OiPoema⁷ à escola, e encanta o leitor na medida em que coloca crianças e poetas da cidade recitando poesias juntos, em pleno espaço escolar. Nas fotos do jornal, onde Nicolas Behr aparece sentado no chão com os alunos, a poesia não parece precisar de lei para aproximar-se das crianças.

⁷ O Grupo OiPoema é composto pelos artistas Nicolas Behr, Luis Turiba, Amneres Santiago, Angélica Torres Lima, Cristiane Sobral, Bic Prado, Luis Eduardo Resende e patrocinado pelo Fundo de Apoio à Cultura. O grupo adota escolas do Distrito Federal e realiza diversas intervenções, como conversas, melhorias e aumento do acervo de bibliotecas, com o objetivo de incentivar a literatura no ambiente escolar.

É preciso lembrar que a arte serve, sobretudo, aos prazeres da alma. Utilizar textos literários e outros elementos da arte, em sala de aula, como auxiliares na aprendizagem de disciplinas tradicionalmente mais valorizadas é um despropósito para a arte, para todas as outras matérias e principalmente para o aluno. Em tempos, onde a velocidade da vida atravessa o ser humano, o privando da possibilidade para um caminhar pleno, sensível e completo é necessário utilizar a arte, para falar, para entender, não entender, para mover-se, para chorar e rir. É necessário lembrar que só se está nessa vida para viver.

Capítulo 3 – Metodologia

Um estudo que pretende envolver a identidade cultural e elementos da arte é singular em sua essência, pois os conceitos trabalhados trazem consigo a necessidade de mergulhar em profundidades únicas de cada sujeito. Tais singularidades colocadas no contexto de uma cidade peculiar como Brasília, tornam essa investigação ainda mais complexa e particular.

Nesse sentido, para a elaboração deste trabalho não bastariam números e medições, pois é imprescindível dar destaque às relações afetivas e de intimidade para identificar e fortalecer os complexos elos entre cidadão e cidade. Partindo do pressuposto que emoções não podem ser quantificadas, esta investigação utiliza como pilar para sua construção uma abordagem de caráter qualitativo, que considera que, por serem humanos, os sujeitos tomam diferenciadas posições frente às situações que enfrentam. Assim sendo, não é possível pensar em um estudo humano sem considerar seus sujeitos como seres históricos e sociais com características específicas.

Segundo os pressupostos da pesquisa qualitativa na perspectiva de González Rey (2002), o pesquisador deixa de ter um papel de elemento neutro diante do que investiga e se torna parte integrante do complexo processo de pesquisa, sendo os diálogos que estabelece com o pesquisado importantes para que o estudo ganhe sentido. Portanto, no presente trabalho a carga trazida pela pesquisadora enquanto brasiliense, que também busca entender sua relação com a cidade em que nasceu, não deve ser descartada, mas utilizada para iluminar os caminhos que traça com os pesquisados durante este percurso. Dessa maneira, enquanto investiga o outro, a pesquisadora aqui investiga a si e à sua prática.

Só a presença do pesquisador na situação interativa que toda pesquisa implica representa um elemento de sentido que afeta de múltiplas formas o envolvimento do sujeito estudado com a pesquisa. O sujeito pesquisado é ativo no curso da pesquisa, não é simplesmente um reservatório de respostas, prontas a expressar-se diante da pergunta tecnicamente bem-formulada (idem,ibidem, p 55).

Assim, os instrumentos utilizados na pesquisa servem à construção de momentos dialógicos ricos, onde os sujeitos têm oportunidade de expressar seus pensamentos,

emoções e ideias. O instrumento deixa de ser elemento central da pesquisa, meio pelo qual se acumulariam “respostas”, e passa a ser uma ferramenta também a serviço do pesquisado, considerado aqui de forma subjetiva e singular. O sujeito, bem como suas ações, é visto de forma abrangente em sua escrita, traçado, desenho, voz e existência durante os momentos formais da pesquisa e para além deles. Dessa maneira, cada sujeito é percebido em sua completude, como alguém que leva consigo sua história, experiências e emoções e não as separa de si no momento da pesquisa.

Portanto, seguindo os pressupostos de uma pesquisa que entende pesquisador e pesquisados como sujeitos ativos no curso da investigação, foram elaborados os instrumentos a ser utilizados neste estudo. Levando em consideração a realidade dos sujeitos envolvidos, serão foram realizadas oficinas, que têm como principal intuito propor e beneficiar os espaços para diálogo onde possam demonstrar, expressar, reelaborar e re-significar sua relação com a leitura e com a cidade, realizando uma construção conjunta do conhecimento. Ainda segundo González Rey:

Esse tipo de pesquisa, que se apóia na participação e no compromisso crescente de quem participa nela, há de ter um sentido para os participantes, sem o qual é pouco provável que se produza o tipo de informação de que necessitamos (*IBIDEM*, p.59).

Dessa forma, as oficinas foram planejadas de acordo com a idade e possível interesse do grupo que delas participaram, com o objetivo de favorecer um clima onde as atividades realizadas façam sentido. É importante ressaltar ainda, que não se trata da “aplicação” de uma oficina, mas sim da elaboração e re-elaboração de propostas que não necessariamente seguiram pelo caminho previsto, visto que o desenvolvimento da pesquisa depende de variáveis como o clima, a relação entre pesquisador e pesquisado e dos pesquisados entre si (*IDEM, IBIDEM*).

A materialização dos pressupostos de uma pesquisa qualitativa neste estudo acontecerá por meio das oficinas realizadas com um pequeno grupo composto por três crianças entre 10 e 11 anos, todas cursando o quinto ano do Ensino Fundamental na mesma escola particular, localizada no Plano Piloto. O grupo foi escolhido a partir da relação pessoal entre uma familiar da pesquisadora e os outros componentes. Havia assim, desde antes do desenvolvimento do projeto, uma relação de confiança estabelecida entre todos os atores envolvidos na pesquisa.

As oficinas aconteceram em lugares de memória de Brasília, ou seja, espaços em que os sujeitos da pesquisa pudessem ver e vivenciar a história de sua própria cidade. Nestes espaços, foram propostas diversas atividades de caráter interdisciplinar, envolvendo literatura, música, imagens, história e geografia, para favorecer momentos de reflexão, debate e diferentes tipos de expressão, considerando que aquelas crianças não são apenas “reservatório de respostas”.

Após a realização das oficinas foram narrados os acontecimentos e percepções da pesquisadora, que, vista como sujeito ativo do processo, coloca suas impressões enquanto faz a narrativa.

Realizando um diálogo entre os elementos teóricos e os momentos de prática, aconteceu a análise de dados, não com intuito de concluir e afirmar uma hipótese anteriormente definida, mas de refletir acerca do desenvolvimento de ações previamente definidas com base em um profundo mergulho na teoria relacionada.

Capítulo 4 – As Oficinas: Caminhando pela poesia de Brasília

4.1 Oficina: O Plano – uma cidade nascida do papel

Objetivos:

- Desenvolver novos olhares sobre espaços de Brasília
- Desenvolver novos olhares sobre JK.
- Refletir sobre a vida em uma cidade planejada
- Conhecer o concurso e outros projetos para a cidade, possíveis Brasília.
- Experimentar a aventura de reinventar Brasília
- Identificar elementos que agradam, desagradam ou poderiam mudar na cidade.

Local da realização da oficina: Catetinho

Materiais: Giz de cera, Lápis de cor, Canetas Hidrocores, folhas em branco, máquina fotográfica, projetos da construção de Brasília impressos em tamanho grande, crônica de Drummond sobre o projeto de Brasília.

1º Momento: Conhecer as instalações do Catetinho, conversando e trocando experiências sobre o local, cada cômodo, sua história, construção, bem como histórias e curiosidades sobre o presidente JK. Pedir que as crianças registrem por fotos o que mais chamar atenção no percurso.

2º Momento: Apresentação do projeto de Brasília. Conhecer outros projetos. Reflexão sobre a vida em uma cidade planejada e o viver em um dos outros planos.

3º Momento: Leitura da crônica de Drummond sobre Brasília. Impressões sobre o texto. Diálogo com o grupo.

4º Momento: Confeção individual de um projeto para Brasília. Explicação sobre a cidade criada por cada uma para todo o grupo.

Narrativa da Oficina

- **Quem viveu no Catetinho?**

Logo na chegada ao Catetinho, ao descer do carro, combinei com o grupo que cada uma deveria expressar todas as suas opiniões, lembrando que aquele não era um momento de “certo ou errado”, mas de “conversa, troca e descoberta”. Pedi que contassem tudo o que sabiam sobre aquele lugar, e eu lhes contaria tudo o que soubesse. Nesse momento todas concordaram com minhas palavras e seguimos até a construção do Catetinho. Além disso, entreguei uma câmera fotográfica para o grupo, pedindo que tirassem fotos de tudo que mais lhes chamasse atenção naquele espaço. Durante a pequena caminhada, procurei identificar os conhecimentos prévios de cada criança sobre aquele espaço. Quem morava ali? Porque este espaço foi construído? Quem construiu? A resposta a todas essas perguntas foi:

- Sei que tem alguma coisa a ver com o JK!

- Acho que ele morava aí!

Enquanto uma criança falava, as outras concordavam com a cabeça. Esperava respostas da história oficial e a assim, a possibilidade de mostrar a alma do lugar, trazendo a história para mais perto de cada uma. Aquele momento, que poderia ser de decepção, trouxe-me a imensa alegria de contar a história daquele lugar por outro ângulo, o da emoção.

- A vida nos cômodos do Palácio de madeira

A surpresa ao entrar em cada quarto era grande e logo todas as crianças queriam saber quais dos objetos que compõem o cenário eram realmente dos personagens históricos que ali viveram. E iam elaborando suas próprias hipóteses para cada objeto:

- Este pijama deve ser do JK mesmo, olha como está velhinho...

Nesse momento, o espanto era visível e todos os elementos da construção eram motivo de comentários:

- Nossa! Que banheiro estranho! Parece que é velho.

- Quem escolheu essas cores? Todos os banheiros são azuis!

Minhas respostas ou comentários vinham em forma de questionamento, já que os detalhes da decoração, escolha de cores, móveis e azulejos só poderiam ser explicadas por seus reais habitantes. Assim, pouco a pouco o grupo foi percebendo que alguém esteve ali, escolhendo cuidadosamente cada detalhe da composição daquele lugar.



Figura 4 – Banheiro do Catetinho. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Após sentirem de forma intensa a presença de pessoas naquele espaço que antes era vazio, composto apenas por um conjunto de móveis e objetos, as crianças se perguntaram:

- Será que tem espírito aqui? Todas essas pessoas já morreram, não é?

Contei que muitas pessoas que vieram na época da construção não estão mais entre nós, e tantas outras ainda continuam. Assim identifiquei o começo de um relacionamento entre as crianças e as memórias daquele lugar. O medo trazido pela hipótese de presença de espíritos já era própria confirmação. Cada espaço, cada cômodo era sim composto por todos que ali viveram, conviveram, dormiram, sofreram a saudade, a solidão, a alegria do novo, a esperança em construção.

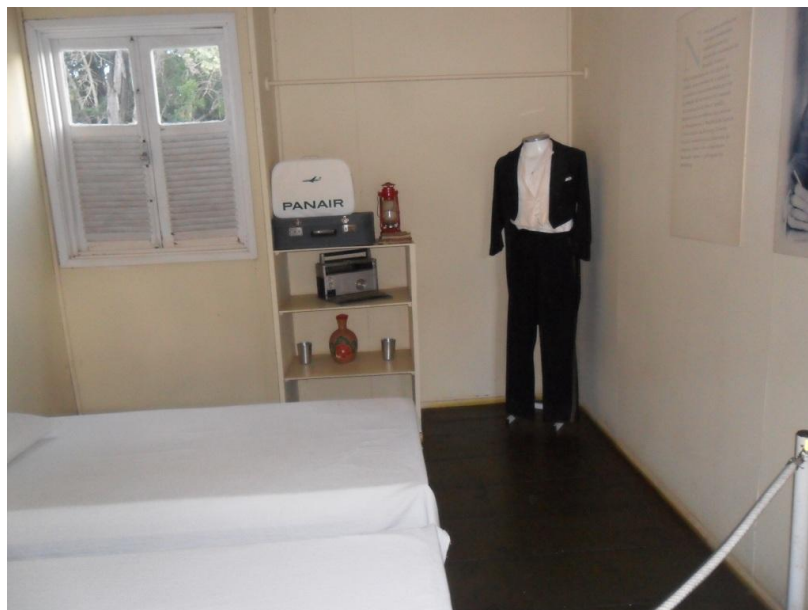


Figura 5 - Figura quarto no Catetinho. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Ao encontrar um balcão com uma placa explicativa dizendo que aquele móvel funcionava como um bar, as meninas logo me perguntaram:

- Um bar? Um bar aqui? Podia?



Figura 6 - Bar do Catetinho. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

E eu lembrei que havia poucas outras construções nos arredores da cidade e nenhum comércio ou lazer. Dessa forma, aquele espaço servia como moradia, escritório,

acampamento, também como bar e local de diversão. Conteí sobre as várias festas que aconteciam naquele lugar e outras curiosidade, no intuito de dar vida ao Catetinho.

Ao contrário dos cômodos destinados aos quartos, o interesse pelo escritório do presidente não foi grande. A sala era ampla e os móveis protegidos por barreiras de segurança, a aproximação tornava-se impossível, mas além do distanciamento físico, percebi o distanciamento emocional. As meninas entravam, olhavam e enquanto eu explicava o que acontecia naquele espaço, antecipavam o término da minha fala com:

-Ah, sei... essas coisas que presidente faz.

E saíam à procura do próximo cômodo, como quem procura gente, não documentos.

Ao descer as escadas para conhecer os cômodos térreos, perguntei às crianças se elas consideravam que aquele era um local apropriado para ser a residência de um presidente da república e elas responderam prontamente:

- Não, eu pensava que ia ser mais chiquezinho.

- Pelo menos assim, sem ser de madeira, né?

Enquanto descia as escadas, enquanto eu contava que JK ficou muito surpreso ao ver a construção do Catetinho, pois imaginava que se tratava apenas de um acampamento com uma estrutura mais cômoda e, no entanto, ao chegar ao “palácio”, construído em apenas 10 dias, encontrou até água quente nos chuveiros. Conteí, ainda, que foi necessário que enfiassem a mão dele embaixo do chuveiro, de terno e tudo, para que ele acreditasse na temperatura da água. As meninas também se espantaram, perguntando:

- Água quente?! Tem água quente aqui?

- Nossa, até eu ia ficar feliz com a água quente.

- **A cozinha, a cozinheira e o que Juscelino comia**

Em seguida, conteí da grande festa que foi a chegada de JK, e que naquele mesmo espaço onde estávamos as pessoas comemoraram a construção do palácio de madeira e a vinda do mais importante morador de lá. No dia em que o presidente

chegou foi preparado um grande almoço: o cardápio era frango ao molho, para agradar o paladar de JK. Assim, fomos nos direcionando para a cozinha, logo atrás de um pequeno grupo, que contava com uma senhora idosa de passos lentos e cuidadosos. Ao nos aproximarmos da cozinha e da senhora, a ouvimos falar sobre a época da construção, não com o tom de um guia turístico, mas com a segurança do vivido. Pedi que as crianças prestassem atenção. Logo percebemos que estávamos frente a frente com uma personagem real de toda a história contada até aquele momento.



Figura 7 - Cozinha do Catetinho. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Ali naquele espaço da cozinha, quase era possível sentir o cheiro da comida e o barulho das panelas, típicos de uma cozinha viva. O cenário remontado, com objetos, temperos e ingredientes, além de pães, colheres penduradas, lembrava que ali esteve viveu alguém.

Enquanto faziam silêncio para escutar a voz da senhora, as crianças passavam seu olhar curioso por cada armário, copo, talheres e mesas. A sua voz trazia ainda mais vida àquele espaço, e a história parecia aproximar-se por meio das memórias emprestadas de uma cozinheira que ali viveu sua juventude. Entre uma e outra lembrança de sua história pessoal durante a construção de Brasília, a senhora passou a contar os pratos prediletos de Juscelino Kubitschek:

- *Ah, ele gostava muito de frango ao molho. A gente também sempre fazia quiabo...*

E continuava a lista de gostos do presidente. Compreendemos que estávamos diante da própria cozinheira do Juscelino Kubitschek!

Por alguns instantes, a voz se afastava e ia entrando cômodos adentro, enquanto as crianças paravam para observar fotos e demais objetos que lhes chamavam atenção. Com o pequeno distanciamento da senhora, uma delas disse para o grupo com uma voz contida:

- *Vocês sabiam que eu gosto de quiabo também? Igual ao JK! Mas eu gosto frito!*

Ao passo que as colegas retrucavam:

- *Eca! Quiabo?*

- *Eu não gosto não!*

Dessa forma, a vida de JK, seus pratos preferidos, a rotina da construção de Brasília com suas pessoas de verdade, com gostos e preferências se aproximava das crianças naquele momento. O presidente, além de ser JK, de ter construído uma cidade, agora gostava de quiabo.

- **Atividades propostas à sombra das árvores**

Sentamos à uma mesa em meio a muitas árvores do local. As meninas perguntaram se as festas realizadas na época da construção eram realizadas naquele espaço, e eu disse que não sabia, mas seria sim um provável espaço para festas e reuniões. Lá começamos uma conversa e perguntei se elas achavam que as coordenadas dadas por Juscelino Kubitschek do escritório que havíamos conhecido eram baseadas em escolhas pessoais, uma vontade inusitada de construir em determinados lugares. As meninas responderam negativamente, lembrando que se nem uma casa é construída de forma aleatória, Brasília é que não seria. Sugeri que a construção de Brasília fosse guiada por um projeto inicial e as meninas concordaram. Perguntei, então, se elas conheciam o Plano Piloto da cidade:

- *Não, quer dizer, mais ou menos...*

- *É um avião!*

- *É. Tem gente que diz que é uma borboleta.*

Em seguida, mostrei o plano da cidade, explicando que a cidade em que moramos hoje foi planejada por Lúcio Costa e ainda, que para que seu projeto fora escolhido por meio de um concurso do qual participaram muitos outros arquitetos. Expliquei o desenho, localizando algumas partes da cidade no projeto impresso e lembrando que ocorreram muitas mudanças durante os anos, assim sendo, nem tudo se saiu como o planejado. Apesar de já ter tido acesso ao projeto e seus possíveis formatos, as meninas disseram não conhecer bem o mesmo. Só neste momento, entendi que o grupo conhecia o desenho, mas nunca tinha se localizado naquele bonito avião no papel.

Depois de apresentar o projeto, falei sobre a diferença entre uma cidade planejada e outras cidades do mundo. Expliquei que enquanto em outras cidades as pessoas se instalam e de acordo com suas necessidades vão construindo casas, comércio, escolas e prédios, em Brasília esses elementos todos foram construídos antes das pessoas que ali estariam, uma previsão do que é necessário. Brasília é a inversão das ordens.

- **A nossa Brasília para Drummond**

Perguntei às meninas, se conheciam Carlos Drummond de Andrade e a partir da resposta positiva de todas, expliquei que ele não trabalhava apenas como escritor, mas também no SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e por esse motivo teve acesso ao projeto de Lúcio Costa. Contei que o autor escreveu um texto, contando as sensações sentidas ao pegar o projeto da cidade nas mãos e apresentei um trecho do seguinte texto (com adaptações da autora) ao grupo, pedindo que realizassem uma leitura silenciosa para que depois conversássemos sobre o mesmo.

“Peguei a folha e tive entre os dedos nada menos do que a Cidade de Brasília, inexistente e completa. A primeira noção de uma cidade diferente de todas as outras até então imaginadas se mostrava ali, nos traços de uma cruz (ou avião) plantada na terra ou voando. O plano piloto de Lúcio dizia bem pouco para quem era habituado a ver cidades em funcionamento e não no papel, ainda mais em um papel nada luxuoso como aquele, diferente do usado nos

grandes escritórios de arquitetura. Parecia um rabisco. Era um rabisco e pulsava”.

Após a leitura, perguntei o que tinham achado do texto e todas responderam que haviam gostado. Coloquei questões relativas a recortes do trecho lido. Drummond se refere ao projeto de Lúcio Costa como um rabisco que pulsava, conversei sobre este trecho, falando que apesar de ser apenas um traçado no papel, era dali que sairiam tantas ordens, construções e inclusive nossas vidas, como são hoje. Nesse momento uma das meninas me interrompeu e disse:

- *Brasília é no coração do Brasil. É a capital. Por isso ele diz que pulsava.*

Sobre o escrito “inexistente e completa”, as meninas comentaram:

- *Era inexistente porque não existia, ué.*

- *Mas existia só no papel mesmo.*

- *Toda desenhada.*

- **As outras Brasília**

Neste momento, perguntei se as meninas conheciam projetos que concorreram com o de Lúcio Costa e todas responderam negativamente. Lembrei com elas, que Brasília poderia ter sido outra, com o mesmo nome, mas outro desenho para nossa vida e como isso mudaria todos os nossos hábitos e modos de vida.

Dessa forma, apresentei dois outros projetos (ver anexo 2) concorrentes do concurso para o Plano de Brasília, explicando como seria a vida em cada um deles. As meninas mostraram muita curiosidade e espanto, como se viver na Brasília que conhecemos hoje fosse normal e todas as outras propostas fossem estranhas e até engraçadas. Esteiras que levariam de uma cidade à outra, uma cidade sem carros, prédios de 80 andares com comércio, escola e postos de saúde em seu interior, entre outras características, deixaram todas boquiabertas e neste momento, lembrei que para os que viam o projeto de Brasília pela primeira vez, nos anos 60, a sensação de estranhamento era a mesma que elas estavam vivendo ali.

Perguntei, em seguida, se as meninas gostariam de morar em um daqueles projetos, viver nos espaços que estavam naqueles papéis. Todas responderam prontamente que não e passaram a rir, colocando situações práticas que ocorreriam naquelas cidades em forma de piada:

- Imagina o quanto ia demorar pra chegar num lugar de esteira. Três dias! Tudo isso por preguiça de andar? Deus me livre!

- Esse prédio é muito grande! Eu acho que ia cair! Eu não queria morar aí não!

- Eu não ia ter coragem nem de olhar pela janela, imagina quem morasse no último andar?

Assim, as meninas perceberam o quanto é estranho imaginar a vida em um lugar que não existe, o cotidiano em uma cidade que é imaginação e criação de outra pessoa. Lembrei que todas as pessoas que tiveram acesso ao projeto de Brasília, assim como ela é atualmente, deviam ter a mesma reação ao ver uma cidade com prédios horizontais e padronizados, um eixo que corta toda a cidade e todas as demais características tão peculiares.

- **A Brasília que eu faria**

Propus neste momento, que a exemplo dos participantes do concurso para o plano da capital, todas desenhassem uma nova Brasília, tirando tudo o que for desnecessário e colocando o que sentem falta. Este projeto teria o formato escolhido por cada uma, assim como Lucio Costa escolheu o seu avião, ou borboleta. Ressaltei que este seria um desenho simples, e que elas não deviam preocupar-se em colocar tantos elementos quanto os contidos no plano piloto, mas sim com os principais elementos e detalhes considerados por elas com imprescindíveis.

Todas se colocaram a desenhar, concentradas em suas atividades, mas dividindo ideias e descobertas umas com as outras, também participei da proposta, ilustrando a minha Brasília no papel.

Após o término dos desenhos, pedi que todas as crianças nos contassem o que haviam feito, explicando as características desenhadas e o motivo das escolhas.

Comecei expondo o meu próprio desenho, para que as meninas se sentissem mais livres para fazer o mesmo. Em seguida, cada uma explicou os elementos de seus desenhos:

- **Desenho 1:**



Figura 8 - "A Brasília que eu faria" (Desenho 1)

- *Pra minha cidade eu peguei a idéia de uma ilha praticamente. Tem muitas árvores e também o primeiro habitante, sorrindo olha. E alguns monumentos. Em volta da cidade tem mar, só que artificial, igual ao Lago Paranoá.*

- **Desenho 2:**

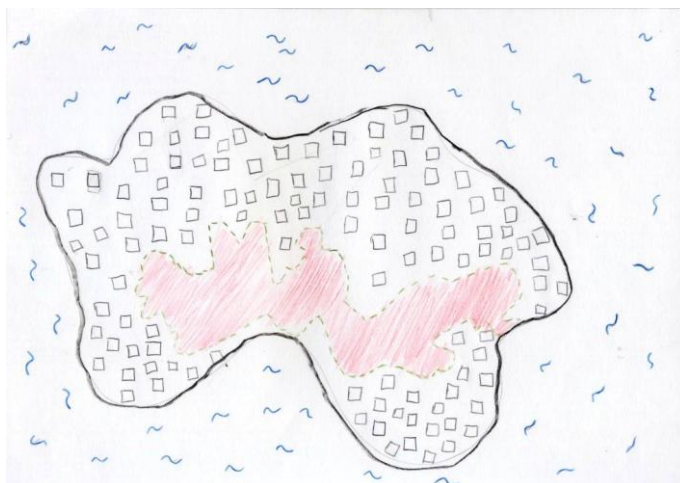


Figura 9 - "A Brasília que eu faria" (Desenho 2)

- *Bom, a minha cidade é uma gosma. Os quadradinhos são as casinhas e os prédios. A gosma do meio é o centro da cidade, com o comércio e essas coisas do*

centro da cidade mesmo. Em volta tem o mar. Pra chegar, só de barco. Ah, de avião também, mas eu não fiz o aeroporto.

- **Desenho 3:**



Figura 10 - "A Brasília que eu faria" (Desenho 3)

- Eu fiz as relíquias da morte é esse o formato. Aqui na parte vermelha é onde as pessoas moram, nessa linha do meio ficam os monumentos, essas coisas. O azul é mar. Em volta é um espaço verde, com árvore. Esse é o trilho do trem, as pessoas chegam de trem na cidade. Ah, e vai ter convite pra entrar, só entra com convite. É tudo confidencial, é do governo. Se entrar sem convite morre. É Brasília da morte.

Todos os desenhos pedem o mar para a cidade. É possível perceber então que as experiências positivas das crianças, ou o que conhecem através da televisão, contaram no momento da construção de uma nova cidade.

Em outro desenho há uma relação entre a construção da cidade e o filme preferido, mostrando aproximação entre a realidade e imaginação. A partir disso, é possível identificar elementos que nos levam a perceber que para aquela criança, na construção de uma cidade imaginária, que existe sem existir, cabem até elementos mágicos como os do filme utilizado como inspiração.

Outro elemento que merece destaque é o fato de todas as crianças citarem os monumentos da cidade e todos os órgãos públicos. Apesar de não usar essa expressão, todas colocam um lugar a que chamam de “centro”, e neste espaço misturam comércio,

monumentos, órgãos públicos. O conceito de centro da cidade mistura características de outras cidades e Brasília, já que não podem faltar as construções que estão no espaço da Esplanada dos Ministérios. Sendo que um desenho contém até o Congresso Nacional, assim como ele é na realidade.

Há também na descrição de um desenho, a representação do primeiro habitante da cidade, como se em uma cidade planejada, houvesse o momento em que chegasse o primeiro habitante e em seguida os outros, até que ela seja completamente ocupada, de forma linear e contínua.

Além disso, nos desenhos é possível encontrar Brasília como uma ilha, ainda que não seja usada essa nomenclatura, um lugar separado de todos os outros, que não está próxima de outras cidades. Brasília não tem vizinho. Em um dos desenhos há, inclusive a referência a uma cidade de poder, já que para viver nessa cidade seria necessário um convite e os assuntos aqui tratados são colocados como confidenciais. O poder não é pra qualquer um.

4.2 Oficina: O vazio e os candangos – uma cidade no deserto

Objetivos:

- Reconhecer elementos históricos, sociais e culturais peculiares de uma cidade planejada
- Representar o que era Brasília antes de ser.
- Conhecer Brasília a partir de novos olhares (as histórias do candango e a própria história)

Local da realização da oficina: Museu Vivo da Memória Candanga

Materiais: Giz de cera, Lápis de cor, Canetas Hidrocores, folhas em branco, máquina fotográfica, textos que falem sobre a construção de Brasília, fotos da época da construção, envelopes.

1º Momento: Passeio pela exposição do museu com explicação e diálogo sobre detalhes, objetos e imagens. Fotos do que mais chamar atenção no espaço.

2º Momento: Proposta de atividade. Cada criança receberá uma carta do passado de Brasília, contando a realidade da vida do candango. Leitura silenciosa da carta.

3º Momento: Conversa sobre a carta lida.

4º Momento: Confecção de uma carta para o passado da cidade, contendo curiosidades, palavras de apoio, etc.

Narrativa da Oficina

Ao chegar ao museu, logo na entrada da exposição que veríamos, existe uma grande maquete de Brasília, as meninas rapidamente se deslocaram até a mesma, e passaram a tentar identificar os espaços da cidade. Falaram sobre o memorial JK, lembrando do passeio que tinham feito com a escola para aquele lugar. Passaram alguns momentos admirando toda a cidade, colocada ali de forma tão organizada e pequena, localizando-se com muita facilidade:

- Aqui a asa sul e a asa norte

- *Essa é a torre de TV, né? Bem aqui do lado tem um Mc Donalds.*

A facilidade em lidar com aquela organização em miniatura parece estar ligada ao fato de Brasília ser uma cidade planejada e geométrica. Não era necessário fazer grandes abstrações para entender o que estava posto abaixo da proteção, naquele museu. Brasília é quase uma maquete gigante. Assim, logo veio a pergunta:

- *Ei, essa maquete foi feita antes ou depois da construção de Brasília?*

Foi a pergunta necessária para nos lançar na tarefa de reconhecimento dos espaços originais de Brasília.

- **Cadê os sinais da W3?**



Figura 11 - Foto de uma foto da W3 em 1959. Tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Ao ver essa imagem da avenida w3 sul, hoje um local de grande circulação de carros e pessoas, paramos todas na tentativa de identificar aquele espaço. Que lugar era aquele, irreconhecível para nós, que conhecemos tantas partes do Plano Piloto da cidade? As meninas diziam:

- *Se essa for a quadra da nossa escola, o bar do meu pai é bem aqui, né? E eu já morei mais ou menos por aqui.*

- *Então aqui seria a subida da escola, oh. Aquele lugar que tem um sinal, aí vira aqui.*

Impressionadas também com as pessoas que tomavam conta do que hoje é reservado aos carros, as crianças perguntavam pelos sinais de trânsito, canteiros centrais e faixas de pedestre. Falavam ainda das casas simples, em madeira, que hoje dão lugar à casas bonitas e grandes em sua maioria.

Para quem vive na cidade há apenas dez ou onze anos, convivendo com as mais diferentes estratégias dos pais para fugir do engarrafamento e as tantas orientações a respeito do andar e das travessias, aquela foto era tão surreal, que parecia ser pintura. Assim, percebemos juntas, que não só os monumentos e grandes construções tiveram histórias antes das nossas, mas também nossos pequenos espaços de convivência, o caminho para a escola, o lugar da padaria e da farmácia foram cenário para outras memórias, com diferentes tipos de uso e relação entre pessoa e lugar.

- **A inauguração centro do poder**



Figura 12: Foto de uma foto da dia da inauguração da cidade. Tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Outro espaço que causou muita curiosidade das meninas foi o destinado para as fotos e vestidos do dia da inauguração da cidade, as fotos das jovens arrumadas e a minha fala a respeito da empolgação de todos para o grande dia parecia aproximar aquelas jovens de suas próprias vidas, com todas as experiências vivenciadas por esta idade. Assim, todas tiraram fotos de imagens deste dia expostas no museu. Contei que naquele dia 21 de abril, aconteceu uma grande festa da qual participaram milhares de pessoas, mas que no interior do palácio houve uma festa restrita apenas à elite. Os construtores do grande sonho, as mãos que levantaram prédio a prédio, não tiveram acesso a esta pomposa festa e celebraram a concretização do abstrato nos bares e ruas da cidade.

As meninas perguntaram o motivo pelo qual os candangos não foram convidados, e como resposta, eu utilizei uma frase, fixada ao lado de uma foto, que dizia que aquela havia sido a festa mais glamurosa da história de Brasília, com direito a sapatos e roupas de grandes grifes feitos especialmente para a ocasião.

Em seguida, mostrei uma foto onde apareciam convidados que tinham vindo para a comemoração e suas roupas visivelmente finas e caras e perguntei se elas achavam que os candangos teriam condições de comprar uma vestimenta de nível tão alto e além da resposta negativa, lembraram:



Figura 13: Foto retirada de uma imagem do dia da inauguração. Por uma criança do grupo, durante a oficina.

- *Nossa, claro que não! Vários moravam naqueles barracos que a gente viu ali.*

- *E era frio, eu acho.*

- *Não é justo, eles que mais trabalharam. Nem dormiam direito.*

Referiam-se a uma foto e ao cenário da exposição que simulava os barracos utilizados como moradia para muitos candangos. A partir desta fala percebi que, apesar de não concordarem, as crianças identificaram a diferença entre ser construtor e ser o mandatário da construção e as tantas discrepâncias que ambas as condições implicavam no caso da construção de Brasília.

- **Candangas**

Apesar de não fazer parte do roteiro da atividade, as crianças ficaram muito curiosas para conhecer as outras construções do museu, chamadas por elas de “casinhas coloridas”. Nem todos os espaços estavam disponíveis para visitação, visto que alguns não tinham exposição e outros estavam sendo utilizados para uma festa junina que aconteceria naquele dia. Assim, visitamos outros dois espaços do museu, sendo que um deles continha a exposição “Candangas”, logo ao ver o título da exposição eu falei que aquela deveria ser uma exposição relacionada a vida das mulheres que tinham vindo para a cidade na época da construção. As meninas se interessaram imediatamente e logo adentram uma grande sala com vários objetos de época e fotos antigas.

Contei para as meninas que as mulheres que vieram para Brasília em seu começo foram de grande coragem, já que a vida aqui era dura para todos e além disso, a cidade era habitada em sua grande maioria por homens, o que tornava complicada a convivência. Expliquei que um guia daquele museu havia me contado que o primeiro atendimento feito naquele espaço, o primeiro hospital da cidade, tinha sido a uma mulher violentada. Ao lembrar das fotos de outros espaços do museu, as meninas disseram:

- *É mesmo! Quase todas as fotos que a gente viu eram de homens. Nem lembro de ter visto mulher!*

- *Só aqui nessa sala, né? Lá não tem não, só se for na foto da inauguração, que tem aquele tanto de gente.*

Falei ainda sobre as tantas mulheres que ficaram em suas cidades, esperando angustiadas notícias de seus companheiros e que estes fossem buscá-las para a nova vida na capital. Essas mulheres tiveram, muitas vezes, que criar sozinhas uma grande quantidade de filhos, para que os maridos viessem tentar a sorte na construção da cidade.

As fotos do espaço traziam ainda, muitas mulheres trabalhando na cidade desde o seu começo e a importância de todas elas para a organização da cidade. Assim, encontraram fotos de freiras, enfermeiras, telefonistas, professoras, esposas, entre tantas outras ocupações, que traziam o cuidado para um espaço, que por ainda não ser cidade, se mostrava tão fria. Ao mostrar a foto abaixo, falei da importância das professoras que vieram ensinar em Brasília, deixando suas cidades para dar atenção às crianças que estavam aqui acompanhando suas famílias. As meninas perguntaram:

- *Ela tá dando aula assim? No meio da rua? Não tinha escola não? Credo!*
- *Olha esse menino aqui com o olho fechado, devia estar sol demais.*
- *E aquela outra? Tá até com um neném no colo, oh.*



Figura 14: Foto de uma imagem de aula em Brasília. Tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Expliquei às crianças que ainda não existiam escolas na cidade e as construções das mesmas não aconteceram logo que as famílias chegaram, assim como não existiam mercados, bares e tantas outras coisas tão importantes para que se constitua uma vida. Assim, as aulas aconteciam de acordo com as possibilidades, e aquela professora estava ali muito disposta a trabalhar para o bem de todas aquelas crianças que aprendiam sob o sol.

Após o término do passeio pelos espaços do museu, propus às meninas que nos sentássemos para a realização de uma atividade, andamos pelo local, para fora das construções à procura de um ambiente acolhedor onde pudéssemos nos sentar para conversar calmamente. Devido à organização da festa junina que se realizaria no local, muitas das boas opções do lugar estavam sendo utilizadas e o grupo propôs que fôssemos para o meu condomínio onde seria possível utilizar um lugar arejado e mais reservado. Assim, saímos do museu a caminho do condomínio.

- **O trajeto de carro**

Ao longo do trajeto de carro, fui mostrando às crianças o local onde era a antiga Cidade Livre, explicando que ali moravam muitas famílias que trabalhavam nas obras de Brasília, ou que vieram movidos pela esperança de encontrar o melhor. Lembrei que além dos operários, eram muito importantes as pessoas que ofereciam diversos serviços como a venda de comida, bebida e utilidades em geral, os donos de pensões e bares, entre outros. Logo utilizei a história da minha família como exemplo, contando que meu avô trouxera os filhos e a esposa na caçamba de um caminhão e chegando aqui, viveu em barracos por algum tempo, até montar negócios como a venda de frutas e verduras. Uma das componentes do pequeno grupo, que também faz parte da minha família perguntou imediatamente:

- O meu avô? O meu pai? Meu pai veio no caminhão? E os tios? Quantos anos eles tinham?

A grande quantidade de perguntas mostrou o entusiasmo pela grande descoberta de que a história de sua família, pessoas próximas, de convívio cotidiano, misturava-se com a história de Brasília ou era a própria história da cidade. A curiosidade foi grande e

durante o percurso de carro fui contando para todas o que eu sabia sobre a bonita história que todas acabavam de descobrir.

Em seguida, todas começaram a dar, com muito orgulho, seus depoimentos de família, contando casos de quando seus bisavós, avós ou pais chegaram à cidade e a vida que tiveram por aqui. Uma das crianças contou que sua bisavó, carinhosamente apelidada de “Bisa”, veio para a cidade na época da construção, e que sempre morou no lugar onde mora hoje, mas conta que o nome do lugar era Cidade Livre e só depois se tornou Núcleo Bandeirante; enquanto outra menina contava que seus pais é que vieram para a cidade e não participaram da realidade da construção, mas que não têm muitos parentes por aqui, então ela precisa viajar pra encontrar alguns entes queridos.

Assim, seja descobrindo a história de seus avós, contando a história de uma bisavó, ou a história de pais que vieram para a capital quando esta já era metrópole, cada criança colocou sua relação com este espaço tão diferente de todas que estão nos livros e revistas e as peculiaridades só vividas por quem habita essa cidade.

- **Conversando com o passado**

Entreguei para as meninas uma carta, dentro de um envelope, explicando que ela vinha da época da construção de Brasília, contando um pequeno caso, ou história daquele momento. Algumas se tratavam de um trecho de reportagem com um candango, e outras de crônicas sobre a cidade (ver anexo 3). Pedi que cada uma fizesse uma leitura silenciosa de sua carta, e que depois disso, poderíamos conversar, contar umas para as outras sobre o conteúdo da mesma, se elas quisessem.

Após a leitura, todas comentaram sobre suas leituras, fazendo um resumo do que tinham acabado de ler. As histórias tinham alguns elementos engraçados, e todas caíram na gargalhada, continham também elementos tristes sobre a vida difícil na cidade durante os anos 60. Perguntei o que elas achavam do que tinham acabado de ler e se imaginavam acontecimentos como aqueles no cotidiano da construção da cidade. As meninas responderam:

- Sei lá. Eu não pensei nisso não. Quer dizer, eu pensei que era difícil, mas não pensei que eles dormiam assim quase na rua, igual ao seu Antônio aqui da carta.

- *É... Eu também não sabia. Pensei que tinha umas casas de verdade. Assim, pra todo mundo. Pensei que eles moravam ali naqueles blocos mais baixinhos da Asa Sul, sabe?*

Percebi que os elementos de dificuldades contados nas crônicas, chamaram muita atenção do grupo, visto que todas comentaram isso em suas falas. Em seguida, perguntei se elas já tinham pensado na dificuldade de comunicação com os parentes em outras cidades, como era possível perceber em outra narrativa. E as meninas lembraram-se do que encontraram instantes antes, no passeio pelo museu:

- *É mesmo! Por isso tinha que ter telefonista. Carta é muito difícil, às vezes não chega e tal...*

- *E não tinha celular, nem essas coisas na época.*

Falei a todas, que nem só os pobres sofreram neste momento, mas todas as pessoas, que vieram para a cidade, deixando seus familiares e amigos em lugares tão distantes. Dessa forma, as meninas comparavam as facilidades de suas realidades, com as dificuldades vividas por todos os candangos.

Em seguida, uma das crianças entreviu em minha fala, colocando:

- *Ah, mas tinha coisa legal também! Tinha até festa de 15 anos. E baile todos os finais de semana.*

- *Deviam ser umas músicas engraçadas. E as roupas?*

Assim, as meninas perderam o semblante sério do momento anterior, onde refletiam sobre a vida dos candangos. E passaram a pensar nas festas, nas meninas de sua idade que viviam na cidade, novamente se colocando no lugar dos jovens que aqui viviam.

Foi assim que eu percebi que de pessoas estranhas, em fotos desbotadas e sem cor, aquelas pessoas todas, vistas em tantas imagens antigas se aproximaram de nós, agora não eram só uma figura estática, mas revelavam pessoas reais, com os sentimentos que existem ainda hoje, com ou sem tecnologia, com ou sem asfalto na cidade e eram tratadas inclusive por seus nomes próprios.

Em seguida, propus às crianças que escrevêssemos uma carta para o passado, assim como havíamos recebido aquelas. Falei que a carta poderia ser usada para tirar dúvidas sobre a época, ou parabenizar pela coragem, contar do passeio que tínhamos realizado a pouco, entre tantas outras coisas. Disponibilizei papéis decorados, adesivos e canetas coloridas, para que todas pudessem expressar seus sentimentos com ainda mais facilidade. Após todas as coordenadas, uma das meninas me perguntou:

- Tenho que escrever pro seu Antônio?

A fala trouxe um tom de tanta intimidade que demorei um pouco para entender que a menina se referia a um personagem que havíamos acabado de conhecer por meio da leitura. Expliquei que cada uma poderia escrever pra quem quisesse, inventando um personagem, ou para um conhecido, ou até mesmo sem um destinatário certo. Todas falaram empolgadas para quem escreveriam as cartas e em seguida calaram-se para se concentrar. Percebi que todas escondiam o que estavam escrevendo, como se aquele momento fosse apenas entre elas e o passado. Em um momento perguntaram:

- A gente não tem que ler, né?

Respondi que isso era uma opção de cada uma. E todas responderam que não queriam ler em voz alta. Em seguida, me perguntaram se eu ou minha professora iriam corrigir a carta. Respondi negativamente, lembrando que uma carta nunca está certa ou errada, uma carta serve para demonstrar sentimentos e que eu realizaria a leitura do escrito por elas apenas para enxergar esses sentimentos ou curiosidades que por vezes esquecemos ou não temos tempo de falar. As meninas fizeram a carta com muita calma e atenção, tomando o cuidado de decorar os papéis e também os envelopes, em seguida, foram entregando as cartas, pedindo que eu não mostrasse para ninguém conhecido.

- **Carta 1:**

Olá, bisa.

Meu nome é -----, mas sou conhecida como Bia, eu gostaria de saber como era aqui antes das construções.

Bom, eu soube que as mulheres eram muito maltratadas e que era difícil ganhar a vida aqui.

Me conta sobre as crianças, como foi essa mudança para você. Como foi a reação da sua família. Como você se sentiu quando tudo tinha terminado.

O que você achou de mais legal em ter vindo para Brasília. Quais eram os meios de transporte? Você conheceu Juscelino?

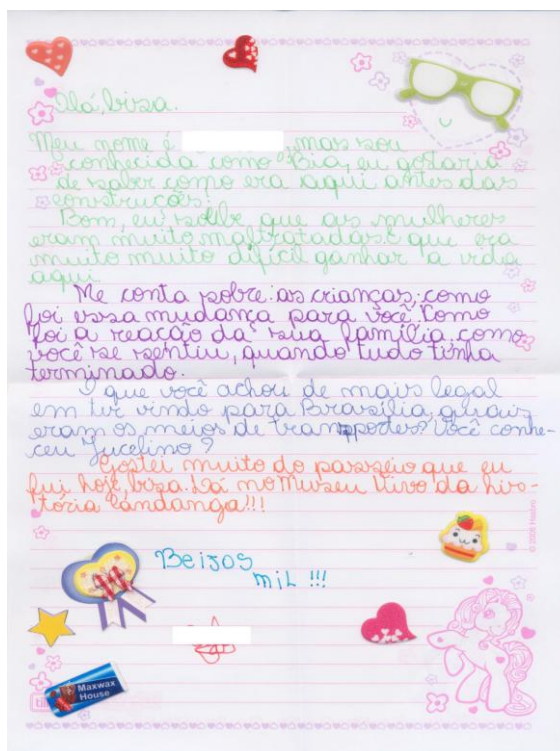


Figura 15 - Carta ao passado de Brasília (Carta 1)

A primeira carta teve como destinatário uma pessoa da família, com idade para ter vindo para Brasília na época de sua construção. É possível encontrar elementos que foram vistos no museu, como a questão da vida das mulheres na cidade. As curiosidades sobre elementos do cotidiano também são visíveis, na medida em que a criança tem interesse em saber como era a vida de outras crianças e os meios de transporte utilizados na época.

Além disso, a menina pergunta se a bisavó conheceu o presidente JK, já que durante as oficinas ele passa a ser visto de uma maneira muito próxima e intimista.

Quando pergunta sobre o que havia de interessante na cidade e como a avó se sentiu quando largou tudo para vir à Brasília, a menina demonstra preocupação com os sentimentos da bisavó, uma pessoa com quem ela tem contato diariamente, durante os momentos em que a cidade ainda era muito pouco.

- **Carta 2:**

Oi Carla, como você vai?

Como foi largar tudo para vim pra cá? Na sua casa é quentinho e confortável, e por quê você decidiu vim pra cá? Acredito que você era uma das poucas mulheres que vivia aqui, como passou sua vida aqui.

Você tinha filhos? Como eles ficaram com a notícia que você viria para cá, você deixou os seus filhos ou os trouxeram com você. Como eles se sentiam com isso? Como você viveu com isso?

Foi difícil?

O que você veio fazer aqui? Foi para ficar com seu marido e ajudá-lo? Como foi querer mesmo vir pra cá? E como se sentiu de ter deixado seus filhos lá? Foi difícil, sentiu muita falta? Era difícil lá nessa época? Se sentiu excluída, bem? E você ficou com o seu marido ou eram lugares diferentes para morar?

Olha, se eu ficar pra acabar depois, se não vou demorar uma década. Foi muito bom conversar com você.



Figura 16 - Carta ao passado de Brasília (Carta 2)

Na segunda carta é possível perceber que a criança inventou um personagem, no caso feminino, já que gostaria de entender a cidade pela vida de uma mulher. Tal elemento é perceptível em outros momentos da carta, como quando deseja saber sobre os filhos, maridos, e família. Além disso, os elementos da leitura realizada anteriormente estão presentes na carta através das perguntas relacionadas aos espaços destinados para a moradia dos candangos.

Outro aspecto interessante é o que diz respeito aos motivos que trouxeram a personagem para a cidade, bem como a reação de pessoas importantes para ela. A criança pergunta sobre a vida na cidade em que morava antes de mudar-se para a capital, como quem tenta entender o que teria motivado a pessoa a sair de sua antiga residência para vir para uma realidade tão difícil quanto a de Brasília na época da construção.

- **Carta 3:**

Vovô,

Eu gostaria de saber o porque do senhor ter vindo pra cá (Brasília).

Foi a procura de melhores condições de trabalho, moradia?

Sou que trabalhou na época. Enfrentou muitas dificuldades? Quais?

E seus filhos? O senhor teve muitas dificuldade para criá-los? E a sua esposa?

Como ficou? Trouxe ela junto?

Hoje fiz uma visita ao Museu Vivo da Memória Candanga, Mari (sua neta) me contou tudo. Fiquei muito curiosa para saber de tudo.

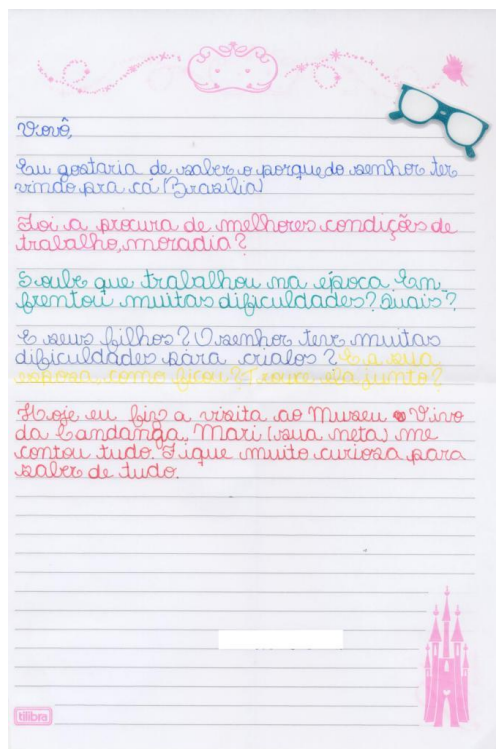


Figura 17 - Carta ao passado de Brasília (Carta 3)

A terceira carta é escrita para o avô da criança. É muito interessante perceber, que esta carta é conseqüência do diálogo que se deu no carro, no caminho para a realização da atividade, quando a menina acaba de saber que seu avô estava na capital logo no início de sua existência, assim como seu pai e tios. Assim, o interesse sobre a vida dos filhos e da esposa, se colocam aqui, como interesses sobre a vida de seus tios e sua avó. Além disso, há na carta elementos que buscam o entendimento para a decisão de vir para a cidade e a curiosidade acerca da vida de um parente naquele momento histórico que até então parecia tão longínquo. A história de Brasília se confunde com a própria história familiar.

4.3 Oficina : Minha Brasília, meus monumentos

Objetivos:

- Aproximar o aluno dos monumentos e construções de Brasília
- Estimular a reflexão e exposição das experiências e visões subjetivas sobre construções e espaços de Brasília.

Local da realização da Oficina: Eixo Monumental e Superquadra

Materiais: Giz de cera, Lápis de cor, Canetas Hidrocores, folhas em branco, máquina fotográfica, toalha de tecido, toalha de plástico, argila, água, texto de Nicolas Behr.

1º Momento: Passeio de carro pelo Eixo Monumental, com atenção para os monumentos. Reflexões e percepções sobre cada construção daquele espaço. Tirar foto do que mais interessar. Parar nos lugares em que desejarem visitar com mais calma.

2º Momento: Diálogo com o grupo sobre os espaços visitados, escolhas e fotos tiradas. Apresentação da poesia de Nicolas Behr e conversa sobre o poema.

3º Momento: Produção de um texto, poema ou poesia sobre um elemento de Brasília fugindo das linhas tradicionais, inspirados na poesia de Nicolas Behr. Utilizar os monumentos como pauta para a escrita. Dividir as criações com o grupo.

4º Momento: Confeção de novos monumentos (em argila) para a cidade e nomes para os mesmos. Apresentação da criação para o grupo.

Narrativa da Oficina:

- **Na Esplanada?**

Antes da realização da última oficina, quando explicava aos responsáveis das crianças que iríamos à Esplanada, percebia o estranhamento do lugar, com as meninas não foi diferente. Fiz uma primeira volta de carro pela Esplanada, perguntando se elas conheciam aqueles monumentos. As crianças iam apontando as construções e dizendo o nome e o que eram, fazendo uma pequena confusão entre o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto. Expliquei brevemente e de acordo com meus conhecimentos a

diferença entre os dois espaços e seguimos de carro pela Esplanada. Em seguida veio a pergunta:

- O que a gente veio fazer aqui? Vamos ficar dando voltas de carro, é?

Expliquei que não, mas que precisávamos de um lugar para estacionar. E percebi logo nesse momento, que a Esplanada não foi projetada para parar, mas para passar, pois não existem estacionamentos. Parei o carro em um dos Ministérios. Descemos do carro e começamos a andar em direção ao grande gramado já não tão verde por conta da seca. Perguntei às meninas em que lugares elas desejavam parar ou entrar e diante da indecisão, propus que fôssemos a um espaço que ninguém conhecesse ainda. Dessa forma, decidimos ir ao Museu Nacional, chamado pelas meninas de “museu redondo”.

- **Palavras durante a caminhada**

Durante a caminhada até o museu, perguntei se todas conheciam a catedral e as crianças responderam positivamente, pois tinham feito um passeio com a escola, e começaram a conversar sobre os grandes anjos que ficam pendurados no teto, como quem vai cair a qualquer momento. Falaram ainda sobre outros elementos da igreja e o fato de ela ser subterrânea. Assim, surgiu a dúvida:

- Será que dá pra casar na Catedral?

- Claro que dá, é uma igreja, ué.

- Ah, mas eu pensava que era mais pra enfeitar assim, não pensei que tinha missa, casamento... Então eu vou casar na Catedral, tá decidido.

Neste momento, percebi uma possibilidade de aproximação com aquele espaço, que até então servia apenas aos olhos. A ideia de casar-se na Catedral já era uma forma de proximidade, a escolha de um espaço da Esplanada para um momento considerado importante.



Figura 18 - Foto da Catedral. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Seguimos caminhando pelo espaço quase infinito e percebemos que teríamos dificuldades para atravessar a pista. Eram muitos carros e poucos sinais de trânsito. Dessa forma, precisamos alongar ainda mais nosso percurso para atravessar com segurança. Durante o trajeto, no intuito de perceber o que elas sabiam sobre a Esplanada, fui fazendo questionamentos sobre aquelas grandes obras de arte, o que eram, quem havia desenhado e entre outros. Após algumas respostas em que afirmavam não saber o que eu perguntava, vieram as seguintes afirmações:

- *Oh, daqui da esplanada eu não conheço nada.*
- *Eu também, nadinha, nadinha...*
- *Eu só sei que quem fez essas coisas foi Oscar Niemeyer.*
- *Ele é aquele que tá bem velhinho, né?*

Percebi o quão longe da realidade das meninas estava aquele lugar, apesar do contato semanal e o fato de o pai de uma delas trabalhar lá. Ali não era espaço para arriscar, havia uma resposta certa, e qualquer uma que não fosse aquela, estaria errada. Cada lugar tinha um motivo, uma utilidade e uma pessoa responsável por seu desenho. O não conhecer naquele contexto já era errar. Falei, então, que saber sobre Oscar Niemeyer já era saber muita coisa e expliquei que muitos estudantes de arquitetura, inclusive de outras cidades, estudam as construções da capital, por conta das obras de Niemeyer que são consideradas inovadoras. Preferi não fazer mais tantas perguntas,

pois percebi que as meninas ficaram incomodadas com o fato de não saberem explicar muito sobre a Esplanada.

- **O “museu redondo”**

Já perto do espaço do Museu, comentei com o grupo o quanto eu achava engraçado um museu com paredes redondas, visto que as exposições podem ser de quadros, e eu não sei como eles poderiam ser pendurados. Perguntei o que elas achavam daquelas construções tão diferentes na cidade, se achavam engraçado, bonito, feio, ou estranho, as meninas colocaram o seguinte:

- Foi Oscar Niemeyer que projetou. Eu gosto, já to acostumada. Não acho tão estranho não.

- Eu prefiro essas construções de Brasília mesmo. De outros lugares, as coisas são antigas.

- Tem umas coisas velhas, até caindo aos pedaços. Aqui é tudo novinho.

Nascidas e criadas aqui, as meninas analisaram os monumentos com olhar de quem os conhece desde sempre. Não há estranhamento diante do que seria estranho e dessa forma, o estranho é o antigo. O novo não é novidade pra quem convive com ele diariamente. Percebi então, a relação entre o grupo e aquele espaço pode ser diferente da estabelecida com outros espaços da cidade, onde há intimidade e liberdade para o sentir. Entretanto, o que existe com a Esplanada não é uma não-relação, mas uma relação diferente.

Ao chegar ao espaço que circunda o museu, as meninas olhavam para cima, um olhar mais próximo, que parecia estranhar o tamanho da construção, antes observada por um ângulo distante. Logo encontramos um escrito com latinhas próximo ao espelho d'água que fica em frente ao museu. Demoramos certo tempo para identificar as palavras, até que uma das meninas falou:

- Ah, é o que tem escrito na bandeira do Brasil, não é? Ordem e progresso!

E todas concordaram, comentando a vontade que aquelas palavras, construídas com latinhas tão organizadas, trazia de chutar.



Figura 19 - Foto da entrada do museu para o espelho d'água. Tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

O branco do semi-círculo refletia o sol e nos deixava quase cegas, porém todas teimavam em olhar para aquele formato diferente, que traz duas abas. Nesse momento, uma das meninas perguntou:

- Essa coisa aqui, que passa por fora, serve pra quê?

Enquanto suas amigas levantavam hipóteses e consideravam que devia servir como uma ponte do primeiro para o segundo andar. Com a curiosidade de descobrir se estavam certas, as meninas perguntaram se podiam entrar no museu. Resolvemos adentrar o lugar até então desconhecido em seu interior. Havia lá, uma exposição de arte popular, onde os muitos bonecos construídos em madeira, argila e outros materiais prenderam a atenção do grupo por muito tempo. Só após passear pelo espaço interno, admirando os detalhes daquelas pequenas obras, uma das meninas olhou para o teto e falou:

- Olha, é redondo por dentro também! E olha, ali a porta que leva lá pra cima, ó! Mas não deve tá tendo nada lá. Tá fechado aqui.

Nesse momento, todas passaram a observar os detalhes da construção do próprio museu, com espaços que confundem e parecem labirintos. Sair daquele espaço foi uma verdadeira brincadeira, entre as tantas paredes, todas procuravam pela porta de saída. As meninas lamentaram o fato de não poderem tirar foto dentro do espaço e logo na saída, tiraram uma foto da Biblioteca Nacional, localizada logo à frente, falando:

- Aqui na porta, eu vou tirar foto. É público!



Figura 20 - Biblioteca Nacional. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

Em seguida, tiraram uma foto panorâmica da frase construída com latinhas à beira do espelho d'água.



Figura 21 - Foto panorâmica - Ordem e Progresso por latas. Tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

As meninas pediram ainda, para tirar uma foto na frente do museu, embaixo da aba externa que lhes causou a curiosidade para entrar no Museu Nacional e assim, registrar o momento em que finalmente conheceram o tão famoso “museu redondo”.

Na volta para o carro, perguntei para as meninas qual é a sensação que elas tinham de andar por todo aquele espaço, se já haviam caminhado por ali, e se consideravam que ali era um bom lugar para passear a pé, conhecendo todos os espaços.

- Ah, eu acho que aqui é legal pra correr. Tem até essa corrida que vai ter amanhã. Vivem chamando meu pai pra correr, porque ele trabalha aqui no Ministério da Defesa, mas ele nunca corre.

- Mas pra andar é ruim. Se a gente quisesse ir pro Congresso, ia morrer... Deve ter nem sei quantos quilômetros até lá. Aqui só de carro mesmo.



Figura 22 - Foto do Congresso Nacional. Foto tirada por uma criança do grupo, durante a oficina.

- Ahhh, e não tem nem um lixo. A gente aqui, com esse palito de picolé há mil anos na mão sem achar uma pelo caminho. Quem anda aqui, tem que jogar no chão, né?

-Nossa, a gente tá parecendo um bando de doida andando aqui. Todo mundo deve tá achando que a gente é turista.

Dessa forma, as meninas demonstraram que o passear pela Esplanada dos Ministérios a pé, como se faz em outros espaços da cidade é trabalhoso e cansativo, colocando esta atividade com um caráter especial, apenas em momentos específicos, como as corridas (no dia da visita estava acontecendo a montagem de uma estrutura para uma corrida na Esplanada), ou para turistas. Assim, quem caminha pela Esplanada, sendo morador da cidade, é considerado por elas como louco.

O grupo fez uma grande festa ao encontrar uma lixeira para jogar os papéis dos picolés que estavam comendo, pois andaram por muito tempo com as embalagens na

mão, reclamando que os pedestres que por ali passassem teriam que jogar lixo no gramado.

- **O acolhimento das superquadras**

A Esplanada dos Ministérios, apesar de aberta e ampla, não me deixou completamente à vontade para a realização de uma oficina. No excesso do sol e do espaço, senti que não havia espaço para sentar, conversar sobre nossos sentimentos e brincar com argila. Dessa forma, sugeri que fossemos para alguma superquadra da asa sul, onde haveria bancos pra que a gente realizasse as atividades. As meninas comemoram o fato de conseguirem uma sombra, após a caminhada sob o sol. Andamos por algumas superquadras, procurando o lugar perfeito para parar. Por fim, chegamos à 108 sul, e as meninas sugeriram que colocássemos uma lençol no gramado e o banco serviria de mesa para nossas atividades. Assim organizamos nosso espaço.

Mostrei às meninas um livro de Nicolas Behr, explicando um pouco de sua vida e ainda da forma como ele utiliza Brasília como musa inspiradora. Em seguida, pedi que uma delas lesse a seguinte poesia:

bem, o sr.
já nos mostrou
os blocos, as quadras,
os palácios, os eixos,
os monumentos...

será que dava pro sr.
nos mostrar a cidade
propriamente dita?

es

Perguntei às meninas, quem poderia ser a pessoa que fez a do poema. E todas responderam seria um turista, uma pessoa que nunca veio à Brasília, já que não sabia como a cidade era. Em seguida, perguntei por que motivo este possível turista pedia para ver a “cidade propriamente dita”.

- Será que é porque ele esperava outra coisa? Sei lá, tipo outra cidade.

- *É! Isso... Porque Brasília é desse jeito assim. Tem umas coisas que lá não tem.*

Neste contexto, “lá” se refere a todas as outras cidades do Brasil. Tudo que não é Brasília é “lá”. Além disso, as meninas colocam o fato do inesperado da capital, ninguém espera encontrar uma cidade dessa forma, mas com as características que todas as cidades têm, ou quase todas. Quando dizem que Brasília é “desse jeito assim”, as meninas trazem todos os elementos diferentes da cidade, como se pontuar a estranheza de Brasília fosse uma tarefa complicada.

Pedi que outra criança pegasse o livro e abrisse na página que marquei e lesse para nós outra poesia:

SUPERQUADRAS

na entrada,
um quebra-molas
e uma banca de
jornal

blocos blocos blocos
blocos blocos blocos
blocos blocos blocos

A criança leu a palavra “blocos” três vezes e perguntou:

- Eu tenho mesmo que falar “bloco” nove vezes?

Todas caíram na gargalhada e eu respondi que não, pois já havíamos entendido a grande quantidade de blocos que o autor quis trazer. Perguntei então, o que elas sentiram quando leram e o motivo pelo qual elas achavam que o autor havia feito a poesia com essa disposição e recebi as seguintes suposições:

- *É porque é cheio de bloco em todas as quadras.*

- O quebra-mola também tem em todas. Tem vários, aliás. E tem a banca de revista. Até na da 108, meu pai tem conta, eu pego umas revistas de graça quando eu passo por lá, ele só paga depois.

Acredito que pelo fato de termos circulado por algumas quadras, antes de encontrar o lugar nos instalamos e o fato de uma das crianças ter uma relação mais estreita com um banca de revista, as meninas perceberam rapidamente que a estrutura do texto dizia respeito à disposição das quadras e o modo parecido com que todas elas são organizadas.

Depois disso, propus às meninas que seguíssemos a ideia de Nicolas Behr, e escrevêssemos uma poesia, texto, frase para Brasília, seguindo alguma das tantas formas inusitadas que juntas compõem a capital, assim fugiríamos da escrita em linhas. As meninas ficaram um pouco inseguras com a novidade da proposta, então mostrei o texto que havia feito anteriormente com o formato do Museu Nacional, explicando que ele poderia servir de inspiração. Todas começaram a produzir.

As escritas das meninas tomaram forma de bloco residencial do Plano Piloto, Congresso Nacional e o também o avião, formato da própria cidade. É interessante destacar o fato de todos os textos serem compostos por perguntas e questionamentos e trouxeram ainda, o fato de Brasília ter características únicas e estranhas. Além disso, as meninas colocam as pessoas que idealizaram a cidade como doidas, e uma delas, pergunta para a própria cidade, o motivo de ter o formato de um avião.

Outro elemento que merece destaque, foi a confusão da autora do desenho 3 para responder a pergunta que fez. A criança utilizou em seu desenho, o formato projetado por Lúcio Costa, entretanto, na pergunta questionou os monumentos da cidade projetados por Oscar Niemeyer. Assim, quando me perguntou como escrever o sobrenome Oscar, suas colegas disseram que ela estava confundindo, pois quem havia tido a ideia do avião era Lúcio Costa, então, a menina escreveu este nome como resposta. Quando perceberam a confusão que fizeram, as meninas riram muito.

- **Poesia 1 - Bloco Asa Sul:**

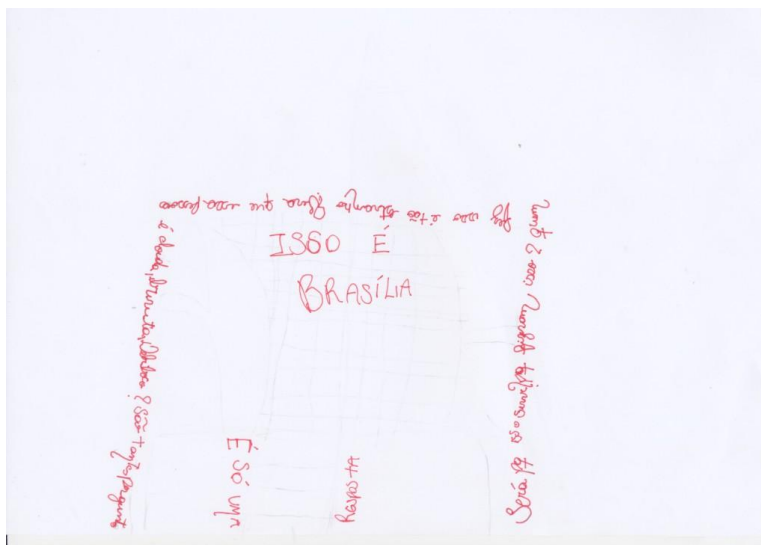


Figura 23 - Poesia em forma de monumentos (Poesia 1)

“Será pq isso serve? Pq fizeram isso? Quem fez isso é tão estranho. Será que essa pessoa é doida, biruta, debilboco? São tantas perguntas e uma só resposta. Isso é Brasília.”

- **Poesia 2: Congresso Nacional:**

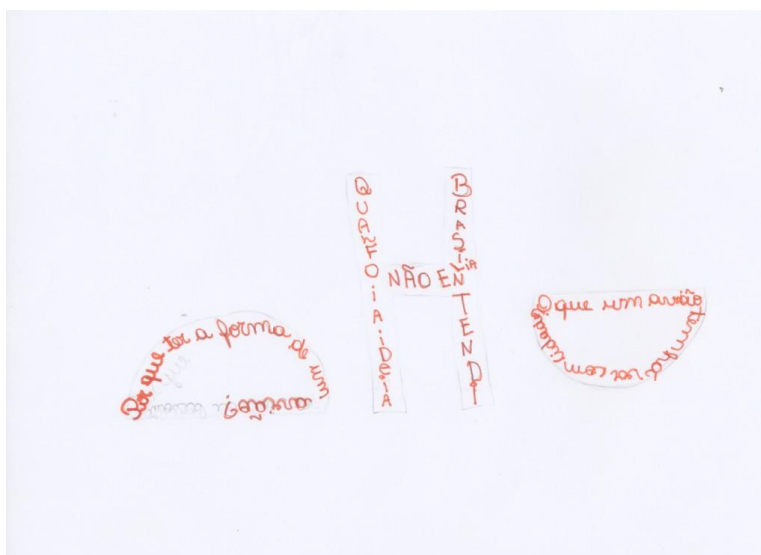


Figura 24 - Poesia em forma de monumento (Poesia 2)

“Por que ter a forma de um avião? Qual foi a ideia, Brasília? Não entendi. O que um avião tem há ver com cidade?”

- **Poesia 3: Formato do Plano Piloto:**



Figura 25 - Poesia em forma de monumento (Poesia 3)

“Porque será que Brasília tem tantos monumentos estranhos? Quem foi o doido que fez eles? R= Oscar Niemeyer.”

Pedi às meninas então, que fizessem um monumento para a cidade em argila. Poderiam ser criadas estátuas, prédios, escolas, ou o que mais lhes interessasse. As meninas começaram a fazer de forma tímida, sem saber o que fazer, ou seguindo formas como coração, estrela, etc, não deixando fluir a imaginação. Então lembrei que se Oscar Niemeyer, que é um renomado arquiteto, faz produções tão estranhas, nós tínhamos o direito de soltar a imaginação. Assim, as meninas se soltaram e fizeram formatos inusitados.

- **Monumento 1: *Museu da História do Brasil***

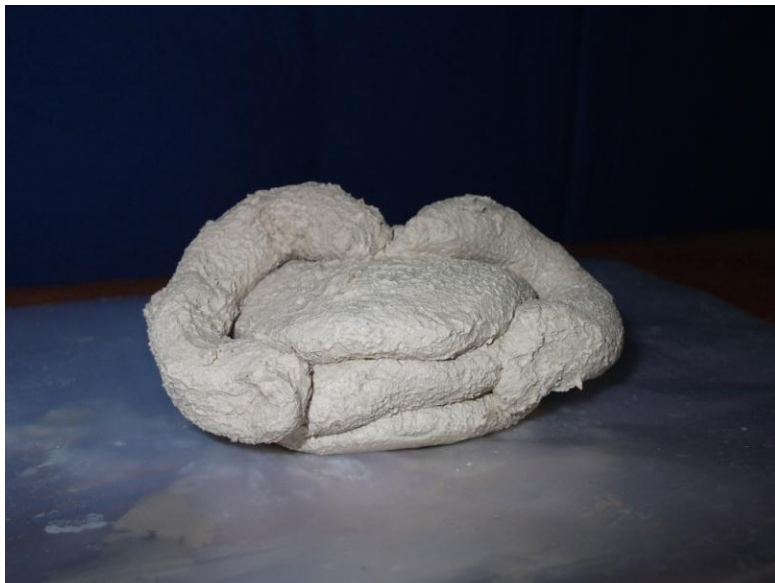


Figura 26 – “Construção do meu monumento” (Monumento 1)

Esta produção foi inspirada no Museu visitado no dia da realização da oficina, a criança descreveu essas camadas como andares do museu, explicando que esta alça que passa por fora será uma rampa de acesso do segundo andar, ao alto do museu, onde as pessoas poderiam observar a cidade toda de cima. Quando perguntei para que serviria aquela obra, menina respondeu que seria um museu para contar a história do Brasil aqui em Brasília, já que é a capital do país.

- **Monumento 2: *Museu da História dos construtores de Brasília***



Figura 27 - "Construção do meu monumento" (Monumento 2)

Este monumento também seria destinado a um museu, onde seria contada a história de Brasília e seus fundadores. Segundo a autora, o museu contaria a vida de JK, Lúcio Costa e também de vários candangos. O museu ficaria localizado na Esplanada, não tão longe como o Museu Vivo da Memória Candanga, e também seria chique, como o Museu Nacional, assim atrairia mais visitantes. Ao explicar a construção, falou que o museu seria dentro desses arcos, a pessoa subiria e desceria escadas e rampas e ia observando os objetos e quadros todos pendurados na parede, já no centro, abaixo dos arcos seria uma pracinha, com música, comida e sombra.

- **Monumento 3: *Monumento em homenagem a mim***



Figura 28 - "Construção do meu monumento" (Monumento 3)

O terceiro monumento, segundo a criança, seria uma estátua com em homenagem a ela, por esse motivo, ficaria em uma praça destinada a ela, e teria seu nome, explicou ainda, que seria muito grande e alta, fazendo uma sombra como formato estranho no chão. Durante a construção do monumento, a menina chegou a pensar em fazer um pastel, homenageando a Pastelaria Viçosa, mas mudou de ideia.

Um aspecto interessante dessa atividade é que as meninas se inspiraram no que vêem pela cidade em suas rotinas. Assim, duas delas fizeram museus e os relacionaram com a cidade. Colocaram o museu na Esplanada e disseram que deveria se localizar em Brasília por ser a capital do país, atribuindo grande importância à cidade, sendo assim, os museus não poderiam estar em outros lugares senão aqui. Além disso, por ser

Brasília, uma cidade que tem um sem-número de autores específicos, contém muitos monumentos com nomes de pessoas, homenagens a construtores, idealizadores, entre outros, assim, a menina sentindo-se importante, resolveu homenagear-se também.

4.4 Dialogando com a *praxis* das Oficinas

Durante a realização das oficinas em lugares de memória e depois, no momento em que foram narradas e descritas as atividades, bem como as reações das crianças, foi possível identificar diversos elementos conceituais levantados durante a construção teórica do trabalho. As narrativas apresentadas anteriormente não foram elaboradas de forma objetiva, mas carregadas de reflexões realizadas no momento da oficina ou durante suas descrições.

Considerando que teoria e prática devem caminhar juntas em qualquer trabalho pedagógico, os levantamentos teóricos e as oficinas influenciaram fortemente um ao outro, de forma que a elaboração das oficinas e reflexões acerca das mesmas aconteceu paralelamente à construção teórica já citada. Assim sendo, o trabalho foi construído de forma dialética, não separando dois momentos que não são passíveis de separação. Dessa forma, cabe, neste momento, estabelecer novos diálogos entre as reflexões já realizadas e os elementos teóricos levantados, para que também em um momento de análises sejam unidas teoria e prática, trazendo para o trabalho mais sentido e profundidade. Como dito por González Rey (2002), as respostas como uma construção complexas, que traga consigo o íntimo do sujeito e tão aguardadas pelo pesquisador, não surgem no ato da aplicação de um questionário, mas durante o curso da pesquisa. Assim, a partir de recortes de respostas das crianças, para realizar esse diálogo, serão destacados momentos de grande descoberta nas oficinas e a relação de tais momentos com elementos abordados pelos autores nos capítulos teóricos do trabalho

- ***“Não é justo, eles que mais trabalharam. Nem dormiam direito”***

Segundo Callai (2000), para compreender um lugar, é muito importante que se conheça as relações sociais que concretizaram fisicamente naquele espaço. A autora afirma que as formas aparentes dos lugares são conseqüências de jogos de forças ali estabelecidos.

A dimensão histórica na análise geográfica favorece a percepção dos significados de cada lugar para além das aparências e encaminha à compreensão da realidade espacial como resultado de processos sociais da humanidade (CALLAI, 2000, p. 101).

Neste trabalho, foram muitos os momentos em que as relações sociais estabelecidas em lugares foram retomadas, no sentido de perceber que aquele espaço foi construído de vivências e por esse motivo é carregado de suas memórias.

No caso específico de Brasília, cidade construída a partir de um planejamento, compreender o que está por trás de cada edifício ou monumento se faz ainda mais importante, pois significa entender a própria história da cidade. Assim, todas as oficinas foram elaboradas com o objetivo de deixar claro para as crianças que Brasília, apesar de nova, e de por isso trazer consigo a impressão da falta de história, foi construída por pessoas. Além disso, houve a preocupação de mostrar ao grupo as relações de poder que se estabelecem na cidade, ainda que seu projeto tenha sido pensado para a igualdade.

- ***“Vocês sabiam que eu gosto de quiabo também? Igual ao JK! Mas eu gosto frito!”***

Carlos (2007) afirma que “o lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato” (p. 19). No caso da oficina realizada no Catetinho foi possível comprovar o dito pela autora, já que ao chegar ao lugar, as meninas afirmaram não conhecer a história do mesmo e de quem ali havia morado, mas a partir do contato com objetos pessoais, e com uma cozinheira de JK, presente no espaço por acaso, as crianças identificaram-se com o espaço e com suas memórias, fazendo também relação com seus gostos e vidas.

- ***“O meu avô? O meu pai? Meu pai veio no caminhão? E os tios? Quantos anos eles tinham?”***

[...] a memória individual é marcada pelo seu caráter social, já que as memórias se estruturam por meio da relação com as memórias do grupo no qual se está inserido. (RODRIGUES, SILVA [et al.], 2011)

Em Brasília, a história pessoal de muitas famílias confunde-se com a história da construção da cidade. Dessa forma, durante a realização das oficinas, muitas foram as ocasiões em que as memórias de família foram compartilhadas com o grupo, sendo essa memória percebida como memória da cidade.

Nesse sentido, Callai (2000), afirma que é necessário considerar a dimensão histórica no estudo de qualquer realidade; ainda que os primeiros povoadores não existam mais, é importante destacar elementos da realidade que evidenciem seus descendentes e a marca de seu trabalho que estão no presente. Entretanto, em Brasília a história não é narrada no passado. Muitos candangos estão vivos, e ainda que não estejam, suas histórias são contadas por seus filhos ou netos, que viveram essa cidade desde o seu começo. O passado de Brasília está presente na vida de seus habitantes.

Dessa forma, o museu da cidade, utilizado como espaço para uma das oficinas, chama-se Museu Vivo da Memória Candanga. Durante a confecção de cartas para o passado, contrariando as expectativas da pesquisadora, que acabara de trazer histórias interessantes de candangos para as crianças, as mensagens tiveram como destinatários familiares das crianças, um deles fazendo parte do presente e outro já falecido, mas que naquele momento aproximou-se com vida, enquanto percebido como parte viva da memória cidade e da criança.

- ***“Nossa, a gente tá parecendo um bando de doida andando aqui. Todo mundo deve tá achando que a gente é turista.”***

O simples ato de caminhar em alguns espaços de Brasília pode ser tido como uma loucura, pelo pouco costume da ação. Os moradores da cidade não têm o costume de passar andando por determinados espaços da cidade, ficando estes “reservados” a turistas. A Esplanada dos Ministérios é um destes lugares e devido ao estranhamento de todas as pessoas que sabiam da realização da oficina neste espaço (pais, crianças), é possível identificar que este não é um sentimento isolado.

Segundo Carlos (2007), este fenômeno acontece em outras cidades quando estas são transformadas ou modificadas com intuito de tornar todos os espaços bonitos e assim, atrativos para turistas, de tal forma que os habitantes acham aquele lugar estranho. Em Brasília, a Esplanada dos Ministérios é um espaço pensado desde o seu princípio para atrair olhares abismados e a maneira como os brasilienses interagem com aquele espaço é perceptivelmente distanciada. Durante a oficina realizada no espaço da Esplanada há um momento em que uma das crianças pergunta se a Catedral é uma igreja de verdade, ou serve apenas como enfeite, explicitando uma diferença entre a

relação que aquela menina tinha com aquele espaço e a relação estabelecida com outras igrejas da cidade.

- ***“Mas pra andar é ruim. Se a gente quisesse ir pro Congresso, ia morrer... Deve ter nem sei quantos quilômetros até lá. Aqui só de carro mesmo.”***

Ao caracterizar um não-lugar, Callai coloca aspectos que distanciam as pessoas dos espaços:

Podem ser também não-lugares espaços que perderam a sua identidade pela realização de uma grande obra, ou áreas amplas que tenham no, seu centro, monumentos, mas nada que convide a ali permanecer – espaços sem sombra, sem bancos, não convidativos (2000, p. 123).

Na Esplanada, as crianças colocaram alguns elementos impeditivos de aproximação, como o sol que as acompanhou durante todo o percurso do estacionamento ao museu, bem como a ausência de lixeiras, já que haviam comido e passaram um longo trecho da caminhada segurando o lixo na mão. Assim, é possível considerar a Esplanada dos Ministérios como um não-lugar.

- ***“O quebra-mola também tem em todas. Tem vários, aliás. E tem a banca de revista. Até na da 108, meu pai tem conta, eu pego umas revistas de graça quando eu passo por lá, ele só paga depois”.***

Nos espaços das entrequadras, foi possível identificar maior proximidade e intimidade das crianças com os espaços, ainda que nenhuma das meninas more no Plano Piloto da cidade. Todas tinham histórias para contar sobre as entrequadras, seja por já terem morado, passeado ou visitado. Assim, ainda que também planejado, o espaço das entrequadras é mais íntimo e convidativo, tanto que a realização das atividades da oficina da Esplanada, planejada para acontecer em seu próprio espaço, foi transferido para a sombra de uma quadra da Asa Sul.

- ***“Quem fez isso é tão estranho. Será que essa pessoa é doida, biruta, debilboco? São tantas perguntas e uma só resposta. Isso é Brasília.”***

Durante a oficina, ao lerem uma poesia da Nicolas Behr, uma das meninas afirma que os turistas pedem para ver “a cidade propriamente dita” porque “Brasília tem umas coisas que lá não tem”. Colocando como “lá” todas as cidades que não são essa. Segundo Santos (2010)

As grandes avenidas largas e o privilégio do carro em detrimento do homem incutem naquele que vive em Brasília a missão de povoá-la, fazendo-o refletir os espaços de grandes dimensões. É comum que a arte na modernidade se ocupe também de tentar explicar as dimensões humanas (p. 44).

A procura por Brasília e a arte auxiliando o processo de construção da cidade para cada um está expressa no poema *Vozes do Cerrado* (2010, p.74), onde Nicolas Behr coloca poeticamente a sua vontade de encontrar a cidade, arriscando a possibilidade de achá-la em suas peculiaridades, blocos ou superquadras:

VOZES DO CERRADO

brasília, brasília,
onde estás
que não respondes?!

em que bloco,
em que superquadra
tu te escondes?!

Assim, a arte neste trabalho, teve espaço e papel fundamental, funcionando como modo de expressão profunda e sensível em momentos nos quais a poética é construída de forma prazerosa, em suas mais diversas formas, inclusive argila. A literatura aparece como forma de manifestação das crianças acerca dos estranhamentos para com a cidade em que moram

Considerações Finais

O início deste trabalho foi marcado por momentos de insegurança, já que o tema foi construído por meio de uma mistura de elementos pelos quais sempre fui apaixonada: literatura, arte e o *ser brasiliense*. As dificuldades sentidas em expor os motivos que me faziam defender esta cidade me levaram a querer descobrir e pontuar o que me fez amar Brasília. Iniciar um trabalho tão carregado de subjetividade me trazia a certeza de encontrar um grande obstáculo: a ausência de materiais que me auxiliassem nessa construção, que não pode ser realizada na solidão de conhecimentos.

Entretanto, Brasília se ofereceu pra mim de forma serena e encantadora. Se antes, já direcionava meu olhar apaixonado para sua perfeição em formas e pelos tantos ipês que marcaram o meu caminho, agora eu descobria o que não estava exposto, tudo o que faz a minha cidade, sem, no entanto mostrar-se tão claramente como a beleza da Catedral. Encontrei a poesia de Brasília em todos os seus espaços. Encontrei a arte explicando a cidade. Saraus, encontros, poetas, livros, antologias, *fanzines*, pichação, música, shows... O obstáculo agora era a grande quantidade de pessoas lendo Brasília pelo olhar da poesia e o pouco espaço para contar sobre a beleza de tais olhares.

Durante o desenvolvimento do projeto, foram dois os grandes momentos de maior encantamento. O primeiro foi a descoberta das memórias da cidade, perceber a vida em Brasília como a realização de uma utopia, o meu caminhar simples e cotidiano como a concretização de algo que fora sonhado há tantos anos atrás, por tantos brasileiros que esperaram muito deste cerrado. Em seguida, senti o desespero de não conseguir explicar a complexidade das relações e sentimentos que constroem Brasília. E a partir disso, veio o segundo momento de encantamento, a possibilidade de explicar e compreender este lugar por meio da arte, tocar e ser tocada profundamente ao perceber a rotina da cidade colocada em verso, prosa, desenho, ou notas musicais. Percebi assim, que o trabalho que antes tinha a poesia como maior possibilidade de compreensão de Brasília, para ser profundo, devia envolver não só a literatura e a poesia, mas as diversas leituras e olhares poéticos que são direcionados para este espaço.

Como educadora, encontrei o dever e o desejo de encantar mais pessoas, dividir o sentimento que não cabe em um só peito. Em cada oficina realizada, percebia a

aproximação das meninas com os espaços por onde passávamos, e mais, com tudo o que não víamos: a aproximação com memórias, risadas, dificuldades e a solidão do viver na cidade há cinquenta anos. Alcançar a profundidade do sentir naquele pequeno grupo mostrou-me a possibilidade de tocar mais crianças e ajudá-las a se reconhecerem enquanto brasilienses e assim, não apenas morar na cidade, mas viver a cidade e na cidade.

Percebi o envolvimento das crianças a começar pelo estar no lugar. Entender um espaço, suas memórias, sua vida, sem vivenciá-lo é muito difícil, visto que só no contato é possível estabelecer certas relações. Também o corpo precisa compreender os espaços, não só a mente. É necessário ver, sentir cheiros, tocar, andar, ouvir os ruídos dos passos. Só este conjunto de sensações, tornou possível encontrar nestes lugares, elementos que ultrapassem o que a visão mostra. Como pedagoga, percebo assim, a importância de tentar escapar das paredes da escola, já que a aprendizagem as ultrapassa, e então buscar o conhecimento onde ele está: na vida, no vivido, nas experiências.

Além disso, percebi que a poesia de Brasília, do espaço de vida daquelas crianças, nunca vai ser complicada. Entender o sentimento de alguém que vive o mesmo que “eu” é muito simples e traz calma. Ler poesia nesse sentido, não é identificar elementos que a caracterizam como determinado tipo de gênero textual, mas apenas identificar-se, encontrar o seu cotidiano, no cotidiano de tantos artistas, seus versos, músicas, pinturas.

Os momentos em que as crianças tornaram-se artistas, além de conhecer o trabalho de outros, também mostraram todo o proposto na construção deste trabalho. A possibilidade de criar para refletir, construir elementos para expressar sentimentos, para além do falar. Percebi ali, além dos tantos elementos já analisados com relação à cidade, o encontro das crianças com as possibilidades que o fazer artístico traz. Assim, se na produção de textos no contexto da escola, não há possibilidade de colocar-se, a arte se coloca como espaço reservado para isso.

A construção do proposto no título do trabalho, um olhar poético para esta cidade tão repleta de estranhamentos só é possível a partir entrelaçamento de memórias da cidade e expressões artísticas, no sentido de construir uma relação afetiva com os

espaços em que se vive e dessa forma, envolvendo o subjetivo e a emoção é que a identidade vai se fortalecendo. Compreender Brasília, neste contexto, é complexo, no sentido de tecer junto, entrelaçar um sem número de elementos que levarão a construção de um entendimento da cidade e das relações que a constituem.

Termino este trabalho na certeza da incompletude e de tudo que está por vir. As descobertas realizadas na construção deste trabalho são o leve traçar de novos caminhos. Levo comigo a angústia de querer dizer tudo o que não pode ser explicado em palavras. Os sentimentos mais profundos de uma brasiliense com a sua cidade e todas as histórias que a construíram e um desejo sem tamanho de uma pedagoga em levar o vivido nesta construção para outros espaços e alcançar mais íntimos de brasilienses.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Sobre os caminhos a seguir

Os caminhos são tantos que qualquer escolha traz a insegurança de todas as outras. Terminar a graduação tão cedo pode ser um alento, uma possibilidade de espera, como se o tempo estivesse a meu favor ainda. Entretanto, desde muito cedo resolvi ser precoce e sei que uma demora pelo sucesso irá me afligir. Entre tantas confusões internas, resta-me traçar muitos planos, alcançando todas as minhas vontades e aspirações. Os sonhos são gratuitos e bonitos, me reservo no direito de alimentá-los enquanto puder. Espero, com ajuda da vida, seguir o que me fizer melhor.

Entre os tantos sonhos que tenho o maior e mais bonito está no que me trouxe ao curso que agora finalizo: estar com crianças. Fui, desde sempre, tomada pela beleza da infância, o descobrir do mundo, o gosto dos primeiros sentimentos. Lembro de passar uma tarde inteira chorando, aos 5 anos, por querer virar um bebê novamente. Era o encanto pelo desvendar da vida que eu não soube expressar de outra forma.

Dessa forma, todas as minhas aspirações vão no sentido da infância, ainda que com diversas possibilidades. Quero estar na sala de aula, quero ter uma sala de aula, ou várias e mostrar a todos os que estão dentro delas, a beleza que as ações podem ter. Assim, fantasio uma escola dos meus sonhos, onde as concepções de educação e ainda mais, de pessoas, possam ser colocadas em prática. Entretanto, a realidade em que vivo não se parece com a vida de uma criança, e por esse motivo, a concretização deste sonho não me parece tão simples.

Não alimento o sonho de trabalhar em “baias”, que exigem na porta de entrada um diploma de nível superior qualquer, ainda que a recompensa seja o recebimento das mais caras “rações”. Não me agrada a imagem dos ternos e o barulho do sapato. Ainda prefiro o soar das risadas. E apesar disso, sei que posso parar em uma “baia” decorada com porta retrato da família.

Assim, ao terminar deste trabalho, pretendo continuar a estudar, por ter percebido que não existe nada mais interessante do que pensar. Talvez passe por outro

vestibular, faça outro curso e vá procurar crianças maiores. Talvez eu faça um mestrado, por considerar que este trabalho apenas começou. Talvez eu vá para uma “baia”, tentando encontrar a concretude da realização de sonhos caros. Há ainda a possibilidade de correr para uma escola e tranquilizar a minha ânsia pelo ensinar com alegria.

Circulo entre tantas possibilidades com a esperança trazida pela juventude, na certeza de que vem ainda um mundo pela frente.

Referências Bibliográficas

ALTMAN, Fábio. **Era um rabisco e pulsava**. Veja. Especial Brasília, 50 anos. 2010. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/especiais/brasil/era-rabisco-pulsava-p-072.html>>. Acesso em maio de 2011.

ANDRADE, Marcela Heitor de. **Jornalistas podem ser escritores? 21 entrevistas brasilienses**. Monografia (graduação em Comunicação Social). Universidade de Brasília, 2008. Disponível em:

<<http://jornalistaescritor.files.wordpress.com/2010/10/monografia-marcela-heitor.pdf>>. Acesso em: junho de 2011.

ARAKE, Marianna Yoshie dos Santos. **Crônica Humanitas Brasiliensis**, 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 31^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CALLAI, H. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar do/no mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

COSTA, 1987 in **RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília – ArPDF, CODEPLAN, DePHA – Brasília: GDF, 1991**.

COSTA, 1957 in **RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília – ArPDF, CODEPLAN, DePHA – Brasília: GDF, 1991**.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação. **Orientações Curriculares – Ensino Fundamental, Séries e Anos iniciais**. Distrito Federal, 2009.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Orgânica do Distrito Federal**. 1993.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 6^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **Brasília: cinco dias** in Brasília Poética, 2010. Disponível em: <http://web.brasiliapoetica.blog.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1770&Itemid=45>. Acesso em: junho de 2011.

LUIZ, Edson Beú. Os filhos dos Candangos: Exclusão e Identidades. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

LUZ, Clemente. **Invenção da cidade**. Brasília: Editora de Brasília, 1967.

MADER, Helena. **Irmãs que viram Brasília nascer lembram dos primeiros tempos da capital**. Correio Braziliense. Caderno Cidades. Janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/01/23/interna_cidades_df,233754/irmas-que-viram-brasilia-nascer-lembram-dos-primeiros-tempos-da-capital.shtml>. Acesso em junho de 2011.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Brasília: a fantasia corporificada**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

PILATTI, Alexandre. Blog do Alexandre Pilatti. **Literatura Brasileira?** Disponível em: <<http://www.alexandrepilati.com/blog/wp-content/uploads/2010/04/Literatura-brasiliense.pdf>>. Acesso em abril de 2011.

PINTO, Mércia. **Ouvidos para o mundo: aprendizado informal da música em grupos do Distrito Federal**. Revista Opus, n. 8, fevereiro de 2002. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/opus/opus8/mercmain.htm>>. Acesso em junho de 2011.

PULJIZ, Mara. **Alunos da Escola Classe Granja do Torto participam de encontro com poetas que fazem parte do grupo OIPoema**. Euestudante. Setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br/euestudante/noticias.php?id=13875>>. Acesso em maio de 2011.

REY, Fernando Luis González. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RODRIGUES, Maria Alexandra [et al.], **Para uma memória educativa de Brasília** in: Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). PEREIRA, Eva [et al.] (Org.). Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Subjetivação da escrita: um desafio psicológico na formação de professores para início de escolarização**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

SANTOS, Pilar Lago. **Eu (também) engoli Brasília: poesia e utopia na obra de Nicolas Behr**. Monografia (Especialização em literatura). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.nicolasbehr.com.br/mestrado-dissert_pilar_lagos.pdf>. Acesso em junho de 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

SOUSA, Salomão. **Deste Planalto Central: poetas de Brasília**. Brasília: Thesaurus, 2008. Disponível em: <http://www.slideshare.net/bnb_brasilia/antologia-salomaopresentation>. Acesso em junho de 2011.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. **A formação do campo artístico na capital federal do Brasil**. *Sociedade e Cultura - revista de Ciências Sociais*, julho-dezembro, vol. 10, número 002, p. 157-166. Universidade Federal do Goiás, 2007. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70310202.pdf>>. Acesso em: junho de 2011.

TRIBO DAS ARTES. **Não basta fazer arte, ela tem de incomodar - 9 anos de Tribo das Artes**. Diversos autores. Brasília: Tribo das Artes Editora, 2009.

VARGAS, M. C. **Estratificação e mudança social em Brasília**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 1989.

VASCONCELOS, Maria Paula. **A utopia de Brasília: Urbanidade Cosmopolítica in: Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. PEREIRA, Eva [et al.] (Org.). Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

ANEXOS

ANEXO 1- Grupo OIPoema na escola

Alunos da Escola Classe Granja do Torto participam de encontro com poetas que fazem parte do grupo OIPoema

Mara Puljiz

A diretora se entusiasmou com a ideia e destacou a importância do contato direto com os autores

O encontro durou pouco mais de meia hora. O vento amenizava o calor corriqueiro na capital federal na tarde de ontem. Com olhares atentos e sentados no pátio de cimento, 24 alunos da 4ª série da Escola Classe Granja do Torto observaram três poetas de Brasília declamar. Estavam lá Nicolas Behr, Luis Turiba e Amneres Santiago, integrantes do grupo OIPoema, patrocinado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC). “Para ser poeta é preciso três coisas. Alguém sabe o quê?”, Nicolas perguntou, logo de cara, para as crianças. “De imaginação”, respondeu uma moça da última fileira. “De rima”, emendou o coleguinha ao lado. “Todas as opções estão corretas, mas faltou o papel”, disse o poeta. “E do lápis”, apressou-se a dizer um outro aluno sentado no canto esquerdo do pátio. Então, para ser poeta, é preciso, na verdade, quatro coisas: imaginação, rima, papel e o lápis. A brincadeira rolou solta.

Durante a visita, as crianças deram gargalhadas, ouviram, tiraram dúvidas e recitaram poemas criados por elas mesmas. A maioria resolveu criar textos em cima do tema mosquito da dengue, doença que tem afetado muitas famílias da região. Maria, 9 anos, levantou-se e deu o recado: “Se deixar água parada, vai se meter em uma cilada”. Júlia Vitória, 10 anos, também estava inspirada, mas deixou o *Aedes Aegypti* de lado. Romântica, a menina preferiu recitar para os colegas um breve trecho que escreveu há dois meses, enquanto estava em casa: “Gosto da lua, gosto do luar, gosto de você em primeiro lugar”.

O motivo da visita foi a vontade dos poetas de disseminar o gosto pela leitura. O grupo OIPoema tem passado por várias escolas públicas do Distrito Federal e aumentado o acervo das bibliotecas com livros que muitas vezes ficam engavetados na Secretaria de Cultura. Também fazem parte do projeto Angélica Torres Lima, Cristiane Sobral e Bic Prado, além do designer Luis Eduardo Resende. Todos eles adotaram uma escola das regiões administrativas de Planaltina, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Itapoã, Park Way e Varjão. Em 31 de agosto, Luis Turiba adotou a Escola Classe da Vila Buritis, em Planaltina, onde conheceu a sala de leitura das crianças. Ele levou livros próprios e de outros autores para enriquecer a biblioteca do colégio.

Autoestima

Para o poeta, historiador e escritor Nicolas Behr, a poesia significa uma semente plantada no coração dos pequenos. “Talvez um dia algum deles vire um escritor. A poesia melhora a autoestima e a arte educa. Formar leitores é fundamental para a educação no nosso país”, defendeu o autor de inúmeros livros que revelam Brasília como musa inspiradora para a criação de seus poemas. Para Amneres Santiago, o incentivo à leitura significa ainda proporcionar o exercício da cidadania. “As crianças têm sede de contato com a arte, mas ainda faltam experiências que ajudem a complementar a educação básica”, acredita.

A Escola Classe Granja do Torto foi o quarto estabelecimento de ensino visitado pelos poetas. Segundo a diretora Danielle Vieira Salles, a presença dos poetas desperta nos alunos um interesse maior pelos livros. “É muito importante quando eles têm oportunidade de viver experiências desse tipo. As crianças costumam ler obras de vários escritores, mas dificilmente têm contato com eles. Quando elas souberam que os poetas viriam para a escola, ficaram muito ansiosas”, ressaltou. E a

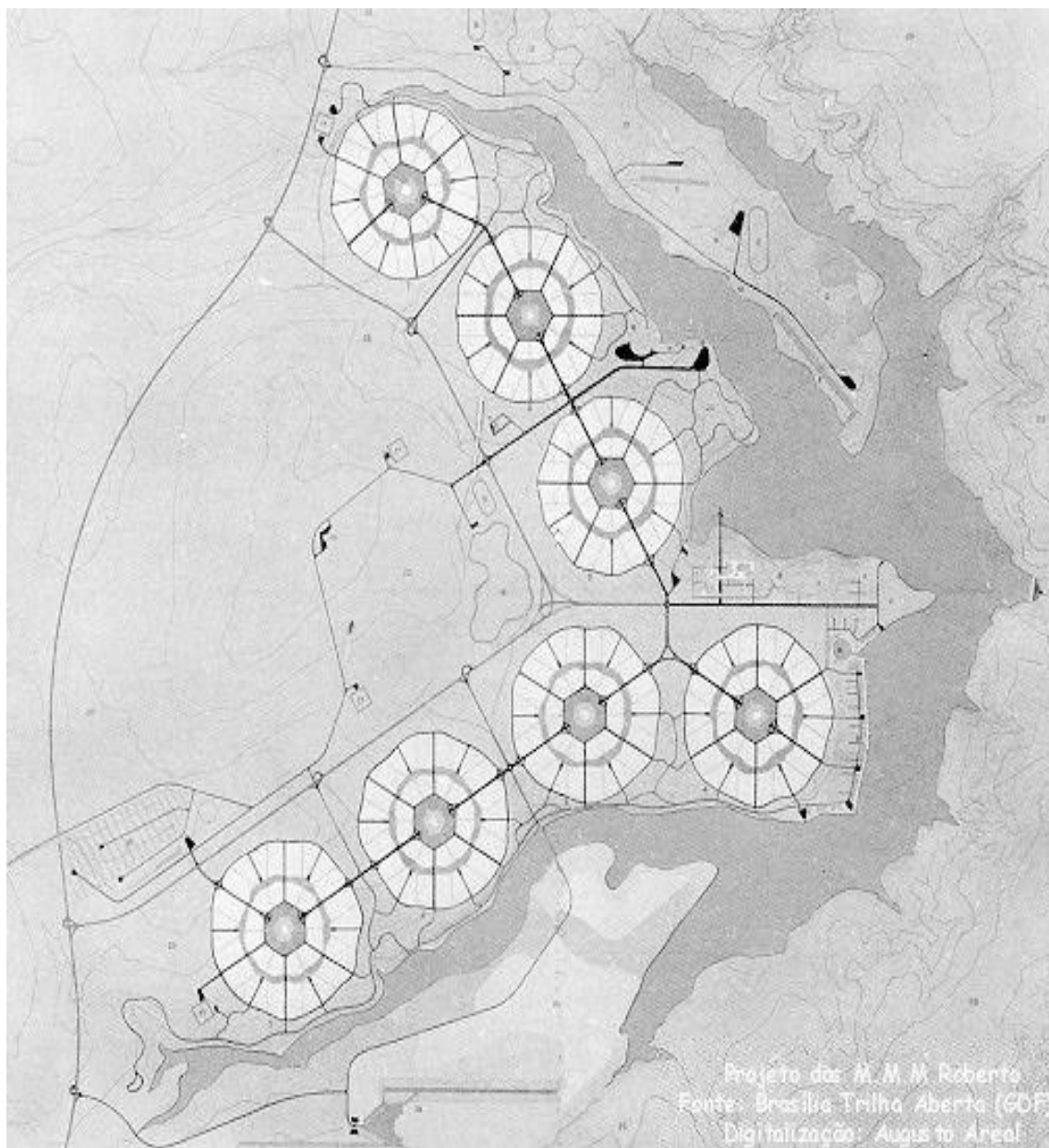
Fotos: Rafael

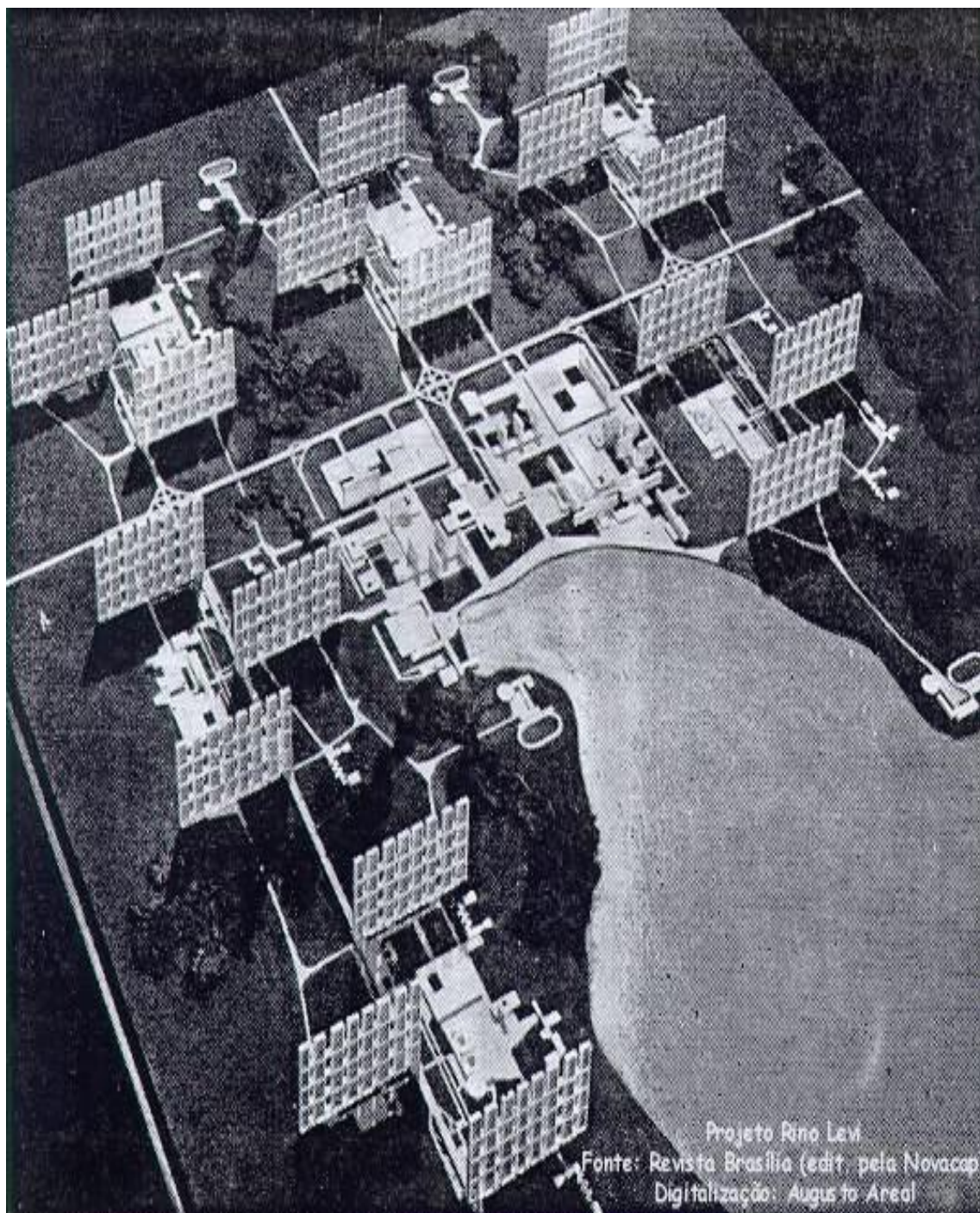
Ohana/CB/D.A Press



Nicolas Behr, uma das mais fortes referências da arte literária brasileira, declama para as crianças: identificação dos estudantes é imediata

curiosidade das crianças fez o tempo passar despercebido. Os 30 minutos de poesia trouxeram sorrisos e a vontade de um dia se tornar um escritor famoso para colocar no papel todas as coisas que trazem inspiração. A despedida foi com a música **O voo da juriti**(1), de Aldo Justo e Paulo Tovar. No pátio, as crianças ficaram de pé e cantaram com o coração e com as mãos erguidas, de braços abertos para dar asas à imaginação. Que surjam daí os escritores do futuro.

Anexo 2 - Outros projetos para Brasília



Projeto Rio Levi

Fonte: Revista Brasília (edit. pela Novacap)

Digitalização: Augusto Areal

Anexo 3 – Textos utilizados na oficina 2

Emprego garantido

Antonio desembarcou em Brasília pela primeira vez em 9 de dezembro de 1956. Alagoano de São José da Laje, vinha de Itauçu (GO), onde tentara ganhar a vida como garimpeiro. "Mas o garimpo já não dava mais nada. Aí, um homem de lá falou: "Aventura por aventura, vai pro Planalto Central. Lá tem emprego garantido", recorda. "Assim que cheguei, fui fichado na Novacap (Companhia Urbanizadora da Capital), com a matrícula 180. Me perguntaram o que eu sabia fazer e eu disse que nada. Me colocaram como servente", completa. A partir de então, ele começou a trabalhar na pavimentação das estradas de acesso a Brasília. "Não tinha nada. Era só mato, poeira, caminhão, trator e peão".

Como todos os outros trabalhadores da construção civil da época. Antonio buscava abrigo em acampamentos das empreiteiras. "No começo, a gente dormia no chão, debaixo de lona mesmo. Depois é que vieram os galpões de madeira, onde a gente comia e dormia", lembra o servente de pedreiro. Quando recebiam seus salários, os trabalhadores gastavam boa parte em noitadas nos bares da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. "O Maracangalha era um dos bares mais famosos de lá. Nós bebíamos muito. Não tinha muito mais o que fazer", ressaltava Antonio. Vez ou outra, os bares tinham atrações musicais, principalmente forrozeiros goianos.

Texto transcrito do Correio Braziliense, (Cidades, pág. 27), de 19 de outubro de 2009

Com adaptações da autora.

Carta estratégica

Fazia mais de mês que João Bonitinho não mandava notícias para a mulher grávida e os dois filhos que haviam ficado em Monte Alegre. Em 11 de abril de 1960, Zilda teve um filho e ficou mais preocupada ainda, pensou que algo tivesse acontecido com o marido. Os boatos que chegaram à sua cidade eram de que ia haver muita briga durante a construção de Brasília.

O tempo sem notícias do marido aumentou o medo de Zilda. Ela então mandou uma carta dizendo que estava muito doente, "morre-não-morre". Mesmo assim, nenhum sinal de Bonitinho. Ela pensou: "Ele não vem me buscar mais não". Então decidiu: "Vou vender tudo e vou pra lá". Foi o que fez.

Todos os dias as mulheres iam para a beira da estrada esperar os caminhões com

encomendas que os maridos mandavam de Brasília. Num desses dias, uma delas reconheceu João Bonitinho de longe e correu para avisar Zilda que o marido estava chegando. Quando viu que a mulher já estava pronta para vir para Brasília com as três crianças, seu João reagiu: “Minha velha, você é doida. Você enlouqueceu de vez. Lá em Brasília não é lugar de mulher”. Ela disse: “Não quero nem saber. Você já está velho, eu sou jovem e bonita. Você não quer me levar por causa dos homens”. João respondeu: “Então, vamos. Mas você vai se arrepender”. Zilda não teve medo: “Se eu me arrepender, não vou reclamar com ninguém, só de mim mesma”.

Casaram-se no civil e vieram. Dona Zilda não demorou a pagar a língua: “Quando cheguei, me arrependi na hora. Era frio demais. Caía gelo. Quando a chuva vinha lá na serra, eu já estava dentro de casa. Juntava os três meninos e tremia em cima de uma cama”. Ela conta e ri. Zilda adora rir.

Transcrito do jornal “Correio Braziliense” 19 de dezembro de 2009.

Com adaptações da autora.

O Mito

Contam-se muitas histórias dos primeiros dias de Brasília.

Dizem que, quando foi o tempo da formação do Núcleo Bandeirante, depois de demarcado o traçado da primeira avenida, surgiu o problema sério: os homens tinham que comer. Não naquele dia apenas, mas nos dias seguintes, até o final da construção de Brasília.

Dizem que Bernardo Sayão, com o seu jeito de líder, estendeu o braço, chamou o motorista e entregou-lhe uma lista de nomes, dizendo-lhe:

- Vá a cidade de Ceres e traga todo esse povo. Diga que mandei chamar. Que venham todos com a tralha e a família.

E hoje a gente encontra essa gente de Ceres, que Sayão mandou buscar.

O Vovô, por exemplo, que plantou barraca inicialmente perto da ponte da antiga estrada de Planaltina, e que tinha o Bar Vera Cruz, ao lado do Cinema Bandeirantes, gosta de contar como foi a marcha de Ceres a Brasília.

- Eu tava muito bem do meu em Ceres, cuidando de minha vida, quando chegou o caminhão e parou na minha porta. O motorista entrou, mostrou o papel e disse:

- Vovô, o dotô Sayão mandou le chamá pra fazer Brasília.

E o bonachão e próspero dono de bar, com os cabelos grisalhos, cercado por uma dezena de filhos, diz:

- Nem discutimos. Com o dotô a gente não discutia...

Veio, e aqui já encontrou o lote demarcado, e a tarefa que deveria cumprir.

- Eu tinha de montar pensão pra fornecer pros trabalhadores. Outros tinham de fazer pão, de cortar boi, de vender arroz e feijão.

Se alguém pergunta por que veio, assim, atendendo apenas a um recado, ele diz:

- Se você conhecesse o dotô Sayão, não fazia a pergunta!

Transcrito do livro “A invenção da cidade” de Clemente Luz.

Com adaptações da autora

Fonte das crônicas: Site Brasília Poética